Militares rejeitam a quebra da quarentena

Estudo do Exército reforça o papel da ciência e da OMS

HORA DO POVO
ANO XXX - Nº 3.751 8 e 9 de Abril de 2020

Roberto Parizotti

Bolsonaristas em campanha pela infecção em massa

Bolsonaro prossegue campanha que coloca vida do povo em risco

O Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx), órgão ligado ao Estado Maior, divulgou na quinta-feira (02) um estudo abrangente e profundo sobre a pandemia do Covid-19. O documento avalia em detalhes a situação do Brasil e do mundo e faz uma avaliação crítica sobre as várias experiências de enfrentamento. As conclusões do estudo reforçam as orientações da OMS e do Ministério da Saúde no sentido de que a melhor forma de impedir que milhares de pessoas morram e o sistema de saúde entre em colapso é a redução da mobilidade social. **Pág. 3**

1 REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Economistas: governo tem R$ 1,3 tri em caixa e pode emitir moeda

Nelson Almeida - AFP

Na foto, menos de 60 covas recém cavadas no Cemitério de Vila Formosa, S. Paulo. Só na segunda-feira, mais 67 pessoas morreram no Brasil vítimas do coronavírus

"O governo não deve vender reservas, porque, hoje, depois de fortes retiradas de dólares do Brasil e do aumento do preço do dólar, a situação financeira internacional do Brasil está longe de ser cômoda. Não devemos, também, emitir dívida pública nova, porque ela já é alta. Nem devemos aumentar os impostos. Só há, portanto, uma solução, emitir moeda", afirmou Luiz Carlos Bresser Pereira, concordandocom diversos outros economistas, inclusive do campo neoliberal. Eles defendem também que se use os recursos do Caixa Único do Tesouro, que hoje tem um saldo em torno de R$ 1,35 trilhão. **Página 2**

Roque de Sá - A. Senado

Senadores vão ao Supremo contra a MP que corta salário por acordo individual

Os senadores Randolfe Rodrigues (AP) e Fabiano Contarato (ES), da Rede Sustentabilidade, entraram, na quinta-feira (2), com uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) contra a possibilidade da redução de salário por acordo individual, determinada pela MP 936, do governo Bolsonaro. **Página 5**

Sem a menor pressa, governo vai começar a pagar emergência a informais com 8 dias de atraso

Uma semana após o Congresso aprovar o auxílio emergencial de R$ 600 para trabalhadores informais e de 1.200 para mães chefes de família – que demorou dois dias para ser sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro – o governo ainda não começou a pagar os trabalhadores que têm direito. Sem pressa, na segunda-feira o governo prometeu que na terça-feira começaria a pagar apenas quem tem conta na Caixa. Está obrigando, pela fome, os informais a saírem de casa. **Pág. 2**

São Paulo prorroga quarentena por mais 15 dias, até 22 de abril

O governo de SP, em coletiva de imprensa, estimou que o Estado terá 1.300 mortes por coronavírus até a próxima segunda-feira, dia 13, se as pessoas ficarem em casa e as aulas suspensas. Caso não haja a quarentena, este número subiria para 5 mil mortes. "Nenhuma aglomeração de nenhuma espécie em nenhuma cidade ou área do estado de São Paulo será admitida", afirmou o governador Dória. **Pág. 4**

"A hora dele vai chegar", ameaça Bolsonaro, sem citar Mandetta

A um grupo de religiosos que se aglomerou na porta do Palácio da Alvorada, no domingo (5), Bolsonaro ameaçou demitir ministros do seu governo que, na visão dele, "viraram estrelas". Sem citar nomes, ele disse que "não tem medo de usar a caneta". A ameaça foi para Mandetta. **P. 3**

Vereza rompe com Bolsonaro e diz que milícia digital é feita de "quadrúpedes fanatizados"

"O número de mortes no país não está maior porque as pessoas estão se preservando em casa", afirmou o ator, que passou a ser alvo da milícia digital bolsonarista, que ele chama de "horda de bárbaros, quadrúpedes fanatizados". **P. 3**

Covid-19: Brasil tem 553 mortes e 12 mil casos oficiais até 6/4

O Ministério da Saúde confirmou, na segunda-feira, que o novo coronavírus já matou 553 pessoas no Brasil, sendo 67 pessoas nas últimas 24 horas. O número de infectados subiu para 12 mil, mais 926 pessoas em relação ao dia anterior. **Página 4**

Gripezinha manda primeiro-ministro inglês para a UTI

Pág. 7

Guedes faz corpo mole para liberar recursos à população

Para o povo, o ministro exige até mudança na Constituição, mas para "injetar" 1,2 trilhão nos bancos, a decisão foi imediata e o dinheiro estava na conta no dia seguinte

Foto: José Cruz /Agência Brasil

Guedes

Paulo Guedes foi muito ágil e prestativo em "injetar liquidez" aos bancos. Com o coronavírus, imediatamente o Banco Central recebeu ordens para aportar um volume gigantesco de dinheiro no caixa dos bancos. O montante liberado chegou na casa do trilhão de reais, com se viu já no dia 23 de março na manchete do jornal "O Globo": "O Banco Central (BC) anunciou novas medidas nesta segunda-feira que liberam R$ 1,2 trilhão em liquidez no mercado para mitigar os efeitos econômicos do coronavírus".

Alguns dias antes, o Banco Central já havia reduzido a alíquota de pagamentos compulsórios (parcela dos depósitos que os bancos são obrigados a manter em reservas), cujo impacto estimado é de R$ 68 bilhões na economia. Pois bem. Tudo isso foi feito de imediato. Não precisou de nenhuma grande discussão. Os bancos nem precisaram pedir. Uma agilidade impressionante.

Já para socorrer os trabalhadores por conta própria e ajudar as empresas produtivas a manterem os empregos, o ritmo é outro. Devagar, quase parando. Alegaram a necessidade de medidas aprovadas pelo Congresso Nacional. O Congresso respondeu com rapidez. Mas, até agora, o dinheiro não chegou.

Guedes faz um jogo cínico porque diz que o povo deve ficar em casa, como recomenda o Ministério da Saúde e OMS, mas não libera o dinheiro necessário para que as pessoas possam ficar em casa. Ele sabe que, sem garantir os recursos para manter sua família, para se alimentar, a tendência é o desespero das pessoas e a pressão para afrouxar a permanência em casa. Exatamente o que quer Jair Bolsonaro.

Bolsonaro não solta o dinheiro e grava vídeos com o povo reclamando que não tem dinheiro para se manter em casa. É assim que ele pressiona para derrubar a orientação de ficar em casa. É assim que Bolsonaro quer expor a população ao risco de morte.

Completamente insensível, o governo inicialmente queria dar uma "ajuda" com ridículos R$ 200 por mês para os mais pobres, os autônomos e informais que perderam a sua renda. O Congresso pressionou e a proposta final ficou em R$ 600, podendo chegar a R$ 1.200 por família. Mas, aí começaram as dificuldades. Num cinismo sem igual, Guedes questionou "de onde sairia o dinheiro" para pagar essa ajuda. O valor dessa ajuda é calculado em R$ 48 bilhões por mês, por três meses.

Diversos economistas, inclusive do campo do campo neoliberal, defendem que se use os recursos do Caixa Único do Tesouro que tem um saldo de R$ 1,45 trilhão. Há outros, como Bresser Pereira, Eduardo Moreira, Nilson Araújo, etc, que dizem que o país pode perfeitamente emitir moeda para enfrentar a calamidade.

Guedes já tinha feito uma grande demagogia ao anunciar um "pacote de ajuda" que, na verdade, não passava da antecipação do 13º dos aposentados e retardado a cobrança de impostos, como se isso significasse uma ajuda real. Era apenas postergar o problema e usar dinheiro dos próprios aposentados como se fosse dinheiro novo. Quando no mundo inteiro, os governos abriram os cofres para ajudar suas populações, a desfaçatez de Guedes e de seu cúmplices ficou escancarada. Nessa época ele ainda aproveitou-se da gravidade da crise para chantagear o Congresso Nacional exigindo a privatização da Eletrobrás e outras medidas de arrocho a estados e municípios. Chegou a sugerir a redução geral de salários dos servidores.

O ministro de Bolsonaro chegou ao cúmulo de exigir uma Proposta de Emeda Constitucional (PEC) para poder liberar os recursos emergenciais dos trabalhadores autônomos e informais. Fez essa exigência, mesmo tendo o aval do Congresso Nacional, que aprovou a situação de calamidade pública, do Supremo Tribunal Federal (STF), que, através de decisão do ministro Alexandre de Moraes, retirou todas as travas legais para que o socorro de emergência pudesse sair do papel. Até o rigoroso Tribunal de Contas autorizou o uso emergencial das verbas para o socorro, mas Paulo Guedes seguiu fazendo corpo mole. Seguiu exigindo o cumprimento de toda a burocracia e até a mudança da Constituição.

Agora, quando o mundo inteiro jogou as restrições neoliberais contra o povo na lata do lixo, Guedes continua insistindo nessa excrescência. Está sentado em cima do dinheiro e ainda defendeu a proposta de congelar por dois anos os salários dos servidores públicos. Exatamente dos servidores públicos que estão na linha de frente do combate ao coronavírus que são os profissionais da saúde pública, os bombeiros, etc. Os mesmos servidores públicos que Guedes chamou de parasitas há alguns meses.

MINISTRO CALOTEIRO

Em conferência com empresários no último fim de semana, o crápula aproveitou para alertar que os brasileiros poderiam usar a crise para dar "calotes". "Não podemos cair na atração fatal do calote, da falta de pagamento", disse o ministro.

Não é por acaso que isso veio à mente do ministro. Ele conhece bem esse tipo de atitude. Aliás, é investigado por isso. E mais, até agora, é ele e Bolsonaro que estão dando um tremendo calote no povo, ao retardar até não poder mais os recursos emergenciais aprovados pelo Congresso Nacional.

A política anti-povo, pró-banco e de destruição nacional que Guedes e Bolsonaro vêm implementando está cobrando agora o seu preço. Ele vem na forma de falta de leitos, de médicos, de respiradores e até de máscaras. Esta política destruiu a indústria nacional e afundou o país. Agora ela esta sendo atropelada pela urgência da crise.

Com a irrupção da pandemia do Covid-19 a política neoliberal foi para o espaço. O país está à beira do abismo e só o Estado poderá amenizar o desastre. Só Bolsonaro, Guedes e seus cupinchas fingem que não é com eles e insistem em sentar no dinheiro.

Os empresários cobraram de Guedes os recursos para evitar o colapso da economia, mas ele continua sentado no cofre defendendo os bancos. O ministro não tem nada a dizer a eles. Acenou com a única coisa que sabe fazer. Prometeu mais arrocho aos trabalhadores e mais assalto ao patrimônio e aos recursos públicos. Prometeu seguir golpeando a Previdência Social pública com eliminação de contribuições patronais para as aposentadorias.

Guedes acenou também aos empresários com a eliminação dos "custos de mão de obra" no futuro. Ele chamou os direitos trabalhistas, que pretende eliminar, de "armas de destruição em massa". Como se não fosse a sua política e a de Bolsonaro que destruiu em massa as indústrias e os empregos.

Se dependesse de Guedes e Bolsonaro, os trabalhadores informais estariam recebendo, ou melhor, estariam esperando para receber, R$ 200 por três meses para sobreviver na crise do coronavírus. Esse comportamento empedernido de Guedes e Bolsonaro se deve ao fato de que a política neoliberal já morreu, mas eles ainda não. Este é, aliás, um problema a ser logo resolvido rapidamente. Uma solução para já, ou assim que debelarmos o coronavírus.

SÉRGIO CRUZ

Bresser propõe emissão de moeda frente à crise

Reproduzimos o texto de Luiz Carlos Bresser Pereira, onde o economista afirma que "o Estado brasileiro terá que fazer gastos elevados para combater a doença e limitar a recessão". Para isso, a solução é "emitir moeda".

Fundo do coronavírus

Luiz Carlos Bresser-Pereira

No Valor de 26.3, o excelente jornalista Ribamar de Oliveira fez uma análise cuidadosa do provável efeito fiscal do coronavírus em seu artigo e perguntou: "Os EUA podem emitir moeda. E o Brasil?" Dada a paralisação das atividades econômicas, ninguém sabe com certeza qual será a queda da receita tributária e do PIB, porque esse resultado depende da profundidade e extensão no tempo das medidas de quarentena que estão sendo adotadas.

Hoje já há um razoável consenso que o crescimento do PIB será negativo em 2020. E que o Estado brasileiro terá que fazer gastos elevados para combater a doença e limitar a recessão.

Diante disto, o jornalista informa que "teve acesso a uma projeção preliminar que aponta para perda de R$ 70 bilhões para a arrecadação do governo federal neste ano, na comparação com o que estava programado no Orçamento."

Nos Estados Unidos o presidente do banco central americano afirmou que "o Fed fará tudo o que for necessário para evitar que a economia entre em colapso". E o Congresso já aprovou um pacote de US$ 2 trilhões. Para financiar esse gasto, o governo americano vai colocar títulos no mercado para captar recursos e, conforme salienta o jornalista, "vai quase certamente, emitir dólares, que é uma moeda aceita mundialmente." E pergunta: "O governo brasileiro também vai emitir títulos para arrecadar dinheiro? Vai apelar também para a emissão de moeda? Ou vender reservas?"

Quando eu escrevi este artigo, em 26.3, minha resposta foi que não deve haver qualquer dúvida a esse respeito. O governo não deve vender reservas, porque, hoje, depois de fortes retiradas de dólares do Brasil e do aumento do preço do dólar, a situação financeira internacional do Brasil está longe de ser cômoda. Não devemos, também, emitir dívida pública nova, porque ela já é alta. Nem devemos aumentar os impostos. Só há, portanto, uma solução, emitir moeda.

Minha proposta é que enquanto a difusão da doença não for controlada, o Brasil deve se engajar em um programa de "quantitative easing" que poderíamos chamar de Fundo do Coronavírus. Em artigo na Ilustríssima (29.3), Pérsio Arida disse, sem elaborar, que "quadro institucional deve ser alterado para permitir ao Banco Central comprar títulos do Tesouro em mercado". Hoje, 30.6, saiu a notícia que o Banco Central está enviando para o Congresso uma emenda constitucional autorizando-o a adotar um programa de expansão quantitativa.

Para financiar os grandes gastos que se tornaram necessários, o Banco Central comprará títulos emitidos pelo Tesouro que não serão lançados na dívida pública brasileira. Para isto o Congresso deverá aprovar a emenda que o Banco Central está preparando. Esta emenda deverá autorizar o Conselho Monetário Nacional a administrar o processo. O fato de o Brasil não contar com uma moeda que é aceita internacionalmente não é aqui relevante. Isto só é relevante se o Brasil fosse emitir dívida externa, o que não é o caso.

Os recursos assim obtidos serão distribuídos entre a União, os estados e os municípios de acordo com as normas do Fundo de Participação dos Estados e Distrito Federal e o Fundo de Participação dos Municípios. E só poderão ser usados para enfrentar a crise do coronavírus. A emenda determinará com mais precisão quais podem ser esses gastos extraorçamentários.

Essa política terá efeito inflacionário? Não creio. Não é o aumento da quantidade de moeda que causa a aceleração da inflação, mas o excesso de demanda que o aumento da quantidade de moeda pode causar. Não é o caso do Brasil hoje. O quadro econômico é recessivo, a inércia inflacionária está razoavelmente neutralizada, e os agentes econômicos perceberão que a emissão não está sendo realizada porque o Estado perdeu o controle do seu gasto, mas para manter a economia minimamente funcionando.

Reproduzido do site do autor: http://www.bresserpereira.org.br/

Foto: Josué Damacena/Divulgação

Laboratório de Vírus Respiratório e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz

SBPC cobra de Bolsonaro respeito à ciência no combate ao Covid-19

Por iniciativa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e da Sociedade Brasileira de Virologia (SBV), vinte entidades encaminharam uma carta ao presidente da República, na sexta-feira (3), onde pedem a Bolsonaro "a revisão do seu posicionamento e a defesa clara da manutenção do isolamento social para o enfrentamento à pandemia da COVID-19".

"Em todos os países em que há transmissão comunitária desse vírus, a combinação da quarentena, do isolamento social mais abrangente possível e da ampla testagem diagnóstica da população está demonstrando ser a ferramenta mais adequada para a contenção da disseminação do coronavírus", afirmam os especialistas.

"O perigo representado por ela é real e talvez seja o maior desafio sanitário desta geração, como já reconhecido recentemente pelo Comandante do Exército Brasileiro", ressaltam as associações e sociedades científicas da área de saúde.

O documento destaca que "como médicos, enfermeiros, farmacêuticos, técnicos e outros profissionais de saúde, bem como pesquisadores de todas as áreas de conhecimento, estamos ativamente engajados na batalha contra esta pandemia. Nossas atividades vão desde a atuação dos bravos profissionais na linha de frente do atendimento, expostos ao risco diário, em condições precárias e com falta de equipamentos de proteção individual, até cientistas, técnicos e estudantes que atuam diuturnamente para contribuir com o diagnóstico laboratorial e buscar opções terapêuticas para o combate à COVID-19".

ISOLAMENTO SOCIAL

"A transmissão sustentada do novo coronavírus (SARS-CoV-2) é, hoje, uma realidade em todo o território nacional. Como ainda não há tratamento com comprovada eficácia para o vírus, nem a perspectiva da produção de uma vacina a curto prazo, restam-nos as medidas de higiene pessoal e de isolamento social para a prevenção do contágio. Em todos os países em que há transmissão comunitária desse vírus, a combinação da quarentena, do isolamento social mais abrangente possível e da ampla testagem diagnóstica da população está demonstrando ser a ferramenta mais adequada para a contenção da disseminação do coronavírus".

"O isolamento social tem por objetivo reduzir a velocidade de contaminação da população e a sobrecarga do sistema de saúde, já que o contato social leva muitas pessoas a adoecer em um curto período de tempo e provoca grande ocupação de leitos, especialmente em Unidades de Terapia Intensiva. O resultado desse processo será o provável colapso do nosso Sistema de Saúde, como já foi previsto pelo Ministro da Saúde, Dr. Luiz Henrique Mandetta".

Leia a matéria completa, assim como a carta na íntegra, no site do HP: https://horadopovo.com.br/sbpc-cobra-de-bolsonaro-respeito-a-ciencia-para-o-combate-ao-covid-19/

Monica De Bolle: "Dane-se o Estado mínimo"

Uma voz sensata na disputa sobre o papel que o Estado precisa cumprir no enfrentamento da crise, a economista Monica De Bolle, pesquisadora do Instituto Peterson de Economia Internacional e professora da Universidade John Hopkins, elevou o tom diante da inércia do governo brasileiro que, segundo ela, se mantém preso a dogmas ideológicos para tomar decisões que afetam quem já está passando fome frente à pandemia do coronavírus.

"Hoje, dane-se o Estado mínimo, você precisa gastar. É preciso é errar pelo lado do excesso não para o lado da cautela numa crise desse tipo", afirmou ao El País.

Pouco antes da entrevista, o Senado havia aprovado o projeto de auxílio emergencial de R$ 600 para trabalhadores informais – agora já sancionado por Bolsonaro, embora não exista detalhamento ou prazo para o dinheiro chegar à população. "Tenho algumas críticas, mas isso é menos importante, porque o principal é que saia o pagamento", afirmou De Bolle. "No entanto, acredito que seja necessário um projeto de lei complementar a esse, ajustando a cobertura do benefício para contemplar mais pessoas e não apenas os trabalhadores informais. No Brasil, há uma quantidade grande de trabalhadores formais cuja a situação é muito precária", opinou.

Para a economista, a insistência do governo em estipular três meses prorrogáveis de pagamento representa a resistência em reconhecer que a crise vai ser mais longa: "Jair Bolsonaro resiste em reconhecer que a crise vai ser mais longa do que três meses, porque isso vai de encontro com a narrativa a que ele se agarrou de que isso é uma crise de curto prazo, que vai acabar logo. Mas todo mundo já sabe que ela será mais longa, então é uma postura anacrônica".

Segundo Monica de Bolle, "o esforço maior que precisa ser feito é muito grande. Requer o repasse dos recursos ao Sistema Único de Saúde (SUS), a implantação da renda mínima, as linhas de crédito que você pode dar para as empresas para garantir empregos. Não se pode apenas atuar na frente das pessoas vulneráveis, mas também na manutenção dos empregos formais. É só se consegue isso dando sustentação para as empresas. É necessário desenhar qual a forma que você vai fazer isso, e a maneira a ser feita para uma empresa de médio porte é completamente diferente para um microempresário, ainda mais para as microempresas que estão muito endividadas e não vão conseguir linha de crédito dos bancos públicos".

"Para esses microempresários, é necessária uma ação parecida com a renda mínima. O Tesouro dá dinheiro diretamente para essas empresas com uma contrapartida de manutenção de emprego, dá para monitorar. Além disso, o microempresário muitas vezes é uma pessoa só, não é questão de manutenção de emprego é de sobrevivência dessas pessoas", enfatizou.

"É preciso dinheiro para o SUS; verbas para as micro e pequenas empresas no esquema de renda mínima, onde você tem como contrapartida não demitir funcionários. Eu calculei 30 bilhões de reais. Renda mínima para os 77 milhões do cadastro único com o esforço de recadastramento para alcançar umas 100 milhões de pessoas, já que sabemos que atualmente temos cerca de 50% a 60% da população em situação de vulnerabilidade".

Leia a materia completa no site do HP: https://horadopovo.com.br/dane-se-o-estado-minimo-e-preciso-gastar-afirma-monica-de-bolle/

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio,67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

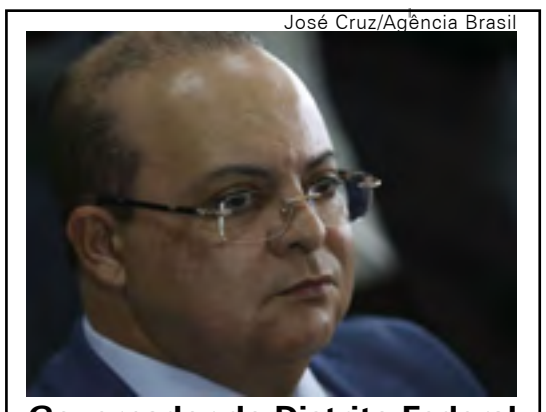
Editor-Geral: **Clóvis Monteiro Neto**
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

Exército: fim da quarentena só com base na OMS e na ciência

José Cruz/Agência Brasil



Governador do Distrito Federal

Ibaneis: "é uma vergonha a 'ajuda' federal a Brasília"

O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, afirmou no sábado (04) que a capital não está recebendo a ajuda financeira necessária para enfrentar a pandemia do Covid-19. Em resposta à pandemia do coronavírus, Ministério da Saúde aportou mais de R$ 1 bilhão nos estados. Segundo Ibaneis, apesar de ser considerada região crítica, o DF só recebeu 1,5% dos recursos.

"É um absurdo e uma vergonha que o governo federal reconheça os problemas que estamos enfrentando no Distrito Federal, divulgue em tom alarmante a situação da capital, mas nos abandone em termos práticos. O dinheiro que o Ministério da Saúde aportou no DF não dá para nada, nem para o começo das ações necessárias de enfrentamento", afirmou Ibaneis Rocha

O Distrito Federal foi pioneiro nas medidas de isolamento social, como fechamento das escolas, de boa parte do comércio e da proibição de aglomerações. A maioria da população tem respeitado e apoiado as duras medidas consideradas essenciais no controle da evolução da pandemia.

Mas há, no DF, algumas características intrínsecas à capital da República que contribuíram para o registro acelerado de casos, proporcionalmente, ao número da população. O DF reúne grande quantidade de profissionais de órgãos federais, embaixadas e organizações internacionais. Trata-se de um grupo de pessoas que fazia viagens ao exterior constantemente e que teve contato com o vírus em outros países.

"Esperamos um suporte na prática, em recursos, para que a gente possa reforçar as ações de proteção à população. Eu repito: não adianta alarmar a população e não tomar medidas práticas que possam, realmente, fazer a diferença e ajudar quem mora no DF", afirmou o governador.

O governador disse ter redirecionado as emendas parlamentares impositivas, no valor de R$ 70 milhões, para as ações relacionadas ao enfrentamento da pandemia. Mas, ainda assim, Ibaneis estimou que os recursos são limitados e que aguarda do governo federal coerência entre o diagnóstico da situação no DF e as providências práticas.

Reprodução

Bolsonaro na frente do Palácio da Alvorada com religiosos, no domingo

"A hora dele vai chegar", diz Bolsonaro, com medo de falar o nome de Mandetta

A um grupo de religiosos que se aglomerou na porta do Palácio da Alvorada, no domingo (5), Bolsonaro ameaçou demitir ministros do seu governo que, na visão dele, "viraram estrelas".

Sem citar nomes, ele disse que "não tem medo de usar a caneta".

"[De] algumas pessoas do meu governo, algo subiu à cabeça deles. Estão se achando demais. Eram pessoas normais, mas, de repente, viraram estrelas, falam pelos cotovelos, tem provocações. A hora D não chegou ainda não. Vai chegar a hora deles, porque a minha caneta funciona", afirmou Bolsonaro.

"Não tenho medo de usar a caneta, nem pavor. E ela vai ser usada para o bem do Brasil. Não é para o meu bem. Nada pessoal meu", continuou.

O alvo da fala de Bolsonaro é o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, principalmente.

A atuação do ministro em defesa das medidas de quarentena em todo o país para combater a pandemia lhe tornou popular.

Segundo pesquisa do Datafolha, 76% dos entrevistados pelo instituto entre 1 e 3 de abril são favoráveis à quarentena. E apenas 18% dos entrevistados têm a visão contrária.

O desempenho do Ministério da Saúde no enfrentamento ao vírus conta com 76% de ótimo/bom.

Foram ouvidas 1.511 pessoas excepcionalmente por telefone, em razão da pandemia.

Já Bolsonaro tem defendido o contrário e tem sabotado o trabalho do Ministério da Saúde. Além de se referir ao coronavírus como "gripezinha" e "resfriado", ele defende a reabertura do comércio (65% são contra) e das escolas (pelo Datafolha, 87% consideram que as aulas devem ficar suspensas). Pela pesquisa, 51% consideram que ele mais atrapalha do que ajuda a luta contra a Covid-19.

O ministro da Saúde tem sido atacado e ameaçado de demissão por Bolsonaro. Segundo Bolsonaro, "em alguns momentos, acho que o Mandetta teria que ouvir mais o presidente". Uma clara tentativa de impor ao ministro a sua visão tacanha sobre o coronavírus.

Como disse o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM), "ele [Bolsonaro] não entende nada de medicina e quer dar muita opinião sobre o que não sabe".

Bolsonaro ainda disse que "está faltando humildade para ele [Mandetta] conduzir o Brasil neste momento".

Mas, como se percebe, é ele quem está incomodado com o desempenho do ministro e o trata com arrogância.

Dentro do ministério, Mandetta tem o apoio de Paulo Guedes (Economia), Sergio Moro (Justiça), Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) e Tereza Cristina (Agricultura).

Texto na íntegra em www.horadopovo.com.br

Para o estudo do Exército, o protocolo de retorno à normalidade deve se basear em "parâmetros e orientações globais, passíveis de serem interpretadas pelos estados e, principalmente, pelos municípios, apoiados em dados levantados em testagens massivas"

O Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx), órgão ligado ao Estado Maior do Exército, acaba de divulgar um amplo estudo sobre a Pandemia do coronavírus no Brasil e no mundo.

O que se observa no trabalho, que tem como título "Crise Covi-19: Estratégias de Transição para a Normalidade", é a seriedade com que ele foi elaborado e o caráter científico de suas conclusões.

O estudo do Exército faz um comparativo entre as várias estratégias de combate ao Covid-19 em curso no mundo e aponta os possíveis passos a serem adotados no Brasil.

O estudo do CEEEx avalia que uma das medidas centrais para se estabelecer as estratégias de retorno à normalidade é a realização de testes diagnósticos maciços na população.

Atingindo-se a capacidade de se obter uma quantidade significativa de exames da população, será possível, baseado em seus resultados, serem tomadas decisões sobre as novas medidas de contenção do vírus.

Há também uma preocupação importante com a capacidade do sistema de saúde de enfrentar a elevação da demanda que ocorrerá durante a epidemia.

O documento conclui que o protocolo de retorno à normalidade deve se basear em "parâmetros e orientações globais, passíveis de serem interpretadas pelos estados e, principalmente, pelos municípios, apoiados em dados levantados em testagens massivas e contemplando as características regionais, considerando o risco da retomada das atividades econômicas, empregando tecnologia e apoiando-se, quando possível, nas estruturas de resposta já estabelecida".

Leia o estudo em www.horadopovo.com.br

Site do Centro de Estudos do Exército sai do ar, mas o trabalho pode ser lido

O Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx), órgão ligado ao Estado Maior do Exército, divulgou na quinta-feira (02) um estudo abrangente e profundo sobre a pandemia do Covid-19.

O documento avalia em detalhes a situação do Brasil e do mundo e faz uma avaliação crítica sobre as várias experiência de enfrentamento da pandemia.

As conclusões do estudo reforçam as orientações da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde do Brasil no sentido de que a melhor forma de impedir que milhares de pessoas morram e o sistema de saúde entre em colapso é a redução da mobilidade social.

Além de reforçar essas medidas, o estudo aponta para a necessidade urgente de que sejam realizados testes diagnósticos em massa na população como forma de se tomar medidas baseadas em pleno conhecimento da situação.

Essas conclusões apresentadas pelo estudo do CEEEx estão em contradição com as opiniões defendidas pelo presidente Jair Bolsonaro.

Como o site do CEEEX está temporariamente fora do ar, você pode ler a íntegra do documento em www.horadopovo.com.br - https://horadopovo.com.br/site-do-centro-de-estudos-do-exercito-sai-do-ar-leia-aqui-o-seu-estudo-sobre-a-covid-19/

Vereza rompe com Bolsonaro, apoia Mandetta e o 'fique em casa'

Para o ator, bolsonaristas da milícia digital são "quadrúpedes fanatizados"

O ator Carlos Vereza, um dos mais fervorosos aliados de Bolsonaro durante os primeiros meses de governo, anunciou, por meio de um post em rede social, que rompeu com ele após o atual chefe do Executivo criticar e ameaçar o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, de demissão.

"Estava tentando defender Bolsonaro, não tanto por ele, mas pela normalidade das instituições. Mas ele desautorizar publicamente o ministro da saúde por ciúmes, não dá mais: tirei o 'time'", escreveu pelo Facebook.

Vereza já vinha fazendo críticas a Bolsonaro nos últimos dias por ser contra a quarentena diante da pandemia do coronavírus e incitar a população a sair para as ruas.

De acordo com Vereza, "o número de mortes no país não está maior porque as pessoas estão se preservando em casa". "Obrigado Mandetta".

"A mesma fritura de sempre: Bolsonaro agitando seus apoiadores radicais preparando para demitir Mandetta", disse em uma postagem.

A partir daí, Vereza passou a ser alvo da milícia digital bolsonarista, que ele chama de "horda de bárbaros, quadrúpedes fanatizados".

Em seguida, a ator anunciou o fechamento do seu perfil no Facebook.

"Não tomo essa decisão por cansaço. O que me motiva a escrever para poucas pessoas, é estar constatando a invasão de uma horda de bárbaros, quadrúpedes fanatizados, filhotes sectários formados pelo populismo do honesto mas egocêntrico Jair Messias Bolsonaro", escreveu.

Vereza recebeu o apoio de seus seguidores no perfil.

Uma seguidora anotou que: "Já percebi isso na época que o filhinho queria a embaixada EUA, e pra mim, eles não prestam. Foi um terrível engano confiar neles. Decepção!".

Outra seguidora apoiou. "Pois é. Às vezes fico pensando no Bebianno e em sua carta…."

"Perfeito", sintetizou outra internauta.

Leia na íntegra os textos de Vereza em www.horadopovo.com.br

"Bolsonaro está atrapalhando a luta contra a Covid-19", afirma o presidente da Câmara

Para Maia, assessores de Bolsonaro estão agindo como marginais

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), afirmou na madrugada do domingo (05), em entrevista no programa Canal Livre, da Band, que os ataques nas redes sociais contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF) são feitos por marginais comandados por assessores do presidente Jair Bolsonaro, que também se comportam como marginais.

Rodrigo Maia afirmou ainda que os ataques às instituições democráticas são financiados por empresários e orientados pelo escritor Olavo de Carvalho, guru de Bolsonaro.

O presidente da Câmara acrescentou que, na prática, fruto das pressões da sociedade, as medidas apresentadas pelo governo seguem a linha do que é defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), mas que o posicionamento do presidente, favorável a uma retomada imediata das atividades econômicas, atrapalha o país.

"Ele (Bolsonaro) acaba, sem dúvida nenhuma, atrapalhando. Claro que ele não escreve (o que defende), porque a assessoria dele não deixa, porque uma decisão de assinar um documento desses… Se o Brasil tiver problemas parecidos, e parece que teremos, com o de outros países, se ele (presidente) assinar alguma orientação formal que vá contra a orientação de seu próprio ministro e da OMS, certamente ele responderá pessoalmente a essa decisão de liberar o isolamento sem ter um embasamento legal para isso", afirmou Maia.

Bolsonaro está desde domingo insinuando que vai demitir o Ministro da Saúde Henrique Mandetta e já chegou a ameaçar que poderia assinar um decreto ou Medida Provisória ampliando a lista de atividades essenciais em meio ao estado de calamidade pública, o que permitiria a reabertura de estabelecimentos comerciais no país. A medida, no entanto, não foi implementada. Ele disse que se as pessoas não voltassem logo ao trabalho, ele faria isso.

Luiz Mandetta fica por pressão de militares e da cúpula do Congresso

Apesar de ameaçar, inclusive com um vídeo, postado no domingo (05), onde disse que não tem medo de usar a caneta, Jair Bolsonaro não conseguiu seu intento de demitir na segunda-feira (06), Luis Henrique Mandetta, do cargo de Ministro da Saúde.

A resistência veio dos militares e da cúpula do Congresso Nacional. Nesta semana o Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx) publicou um estudo contrário às ideias defendidas por Bolsonaro. Ele teria sido convencido pelos ministros da Casa Civil, Walter Braga Netto, e da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, de que a melhor decisão seria manter o ministro.

Ao mesmo tempo o presidente do Senado, David Alcolumbre (Dem), fez chegar ao presidente a informação que o Senado não apoiaria a demissão de Mandetta. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (Dem), por sua vez, também se posicionou nesta segunda-feira contra a mudança na Saúde e afirmou que Bolsonaro poderia ser responsabilizado por eventuais medidas que contrariem orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) em meio à pandemia do coronavírus.

Em entrevista coletiva, o ministro Mandetta confirmou que segue no cargo. "Gostamos de críticas construtivas, o que não gostamos é de críticas que venham para conturbar o ambiente de trabalho. Hoje, foi um dia que rendeu pouco no ministério, ficou muita gente pensando se eu ia sair ou ficar. Nós vamos continuar", afirmou Mandetta.

Bolsonaro sinalizou que gostaria de substituir Mandetta pelo deputado federal Osmar Terra, ex-ministro da Cidadania.

Íntegra em www.horadopovo.com.br

Moro, Rosângela e Guedes orientam a população para que fique em casa

O ministro da Justiça, Sérgio Moro, defendeu as medidas de quarentena para evitar o avanço da pandemia, como recomenda a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde,

Na quinta-feira (2), o ministro afirmou que "a prudência recomenda seguir as orientações técnicas". Em entrevista à Rádio Gaúcha, Moro defendeu que a população fique em casa.

"Nós estamos vivenciando uma experiência nova, o mundo inteiro, que é o desafio representado por essa pandemia, e a orientação técnica tem sido no sentido de que pra diminuir a expansão da doença é necessário diminuir o contato social", afirmou.

Moro argumentou que "a orientação é justamente para tentar evitar esse aumento significativo do número de casos num tempo muito curto enquanto nosso sistema de saúde ainda está se preparando para atender a demanda provável de casos".

No mesmo dia, Bolsonaro afirmou, em entrevista à rádio Jovem Pan, que poderia assinar um decreto para afrouxar a quarentena nos estados. Na mesma entrevista, o presidente disse que ele e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, estão se "se bicando há algum tempo".

Logo depois da fala de Bolsonaro, a mulher do ministro da Justiça, Rosângela Moro, também defendeu que as pessoas devem permanecer em casa e defendeu o ministro da Saúde.

"Entre ciência e achismos eu fico com a ciência. Se você chega doente em um médico, se tem uma doença rara, você não quer ouvir um técnico? @henriquemandetta tem sido o médico de todos nós e minhas saudações são para ele. In Mandetta I trust", escreveu ela em sua conta do Instagram. Rosângela Moro apagou a postagem minutos depois.

A advogada Rosângela Moro já havia se posicionado a favor da quarentena no início da semana, e foi criticada por bolsonaristas. Na legenda da foto de um avião postada por ela na segunda-feira, escreveu: "a cada 200/300 pessoas que morrem é como se um avião caísse".

Até o ministro da Economia, Paulo Guedes, embora reticente, apoia o apelo para que a população permaneça em casa para conter o vírus. No domingo passado, durante uma videoconferência com representantes da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), Guedes afirmou que "como cidadão, quero ficar em casa e fazer o isolamento".

"Será que todos estão errados no mundo e só um presidente está certo?", indaga João Doria

"Será que ministros e secretários de Saúde de 56 países do mundo que estão recomendando o afastamento social, o isolamento e as medidas respaldadas na medicina e na ciência, estão todos errados?"

O governador de São Paulo, João Dória (PSDB), anunciou nesta segunda-feira (06) a prorrogação da quarentena no estado até o dia 22 de abril. "Nenhuma aglomeração de nenhuma espécie em nenhuma cidade ou área do estado de São Paulo será admitida. As Guardas Municipais ou Metropolitanas deverão agir", afirmou. "Isso é constitucional, não é uma deliberação que pode ou não ser seguida. Ela deve ser seguida por todos os municípios do estado", completou.

João Dória voltou a criticar a postura irresponsável do presidente Jair Bolsonaro sobre como o país deve enfrentar a grave crise provocada pelo coronavírus. Bolsonaro tem se chocado com todo o mundo científico e com a comunidade médica ao defender que a população seja exposta ao contágio com o coronavírus porque ele acha isso necessário para "resolver logo o problema" e porque, segundo Bolsonaro, essa epidemia não passa de uma "gripezinha".

"Será que a ciência mundial está errada?", indagou Dória. "Será que a Organização Mundial da Saúde está errada? Será que ministros e secretários de Saúde de 56 países do mundo, que recentemente fizeram uma conferência com o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde, recomendando o afastamento social, o isolamento e as medidas em que cada um desses países vinha adotando, respaldado na medicina e na ciência, estão todos errados? Será que um único presidente da república no mundo é o certo?", acrescentou o governador.

Integra em www.horadopovo.com.br

"Professora" que pediu golpe no Alvorada é empresária bolsonarista

Mais uma encenação de Bolsonaro foi desmascarada com extrema rapidez. A "professorinha" que pediu o golpe na frente do Palácio, na quinta-feira (02), para poder trabalhar, era, na verdade, uma empresária bem sucedida.

Seu nome é Fátima Montenegro. Ela é dona da empresa "ABZ caligrafia". É uma militante bolsonarista "de raiz", como se pode constatar no vídeo abaixo. Ela se fez passar por uma pobre professora que não conseguia trabalhar e colocou a culpa nos governadores e na mídia.

A empresária representou bem o seu papel e pediu que Bolsonaro desse o golpe para que ela pudesse voltar ao trabalho.

Acusou os governadores e a mídia de estarem atrapalhando a atuação do presidente. Tudo dentro do script golpista. Bolsonaro então responde que ela falava por milhões de brasileiros.

A descoberta da farsa foi feita pelo internauta Luiz Carlos Limeira Neto. A mulher, na realidade, é aposentada, dona de uma grande empresa em Brasília, a ABZ caligrafia.

Íntegra em www.horadopovo.com.br

China repudia as publicações de Weintraub: desprezível e racista

Embaixador cobrou declaração do lado brasileiro. "Nossos povos estão do mesmo lado ao resistir às palavras racistas e salvaguardar nossa amizade"

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, conseguiu arranjar problemas com a Embaixada da China no Brasil, durante o final de semana. Weintraub insinuou, em um post no Twitter, que a China estaria se beneficiando da crise mundial causada pelo novo coronavírus.

A publicação do ministro bolsonarista, usava o personagem Cebolinha, da "Turma da Mônica", para debochar do povo chinês. Devido a uma dificuldade de dicção, nos quadrinhos, o personagem troca a letra "R" pelo "L".

"Geopoliticamente, quem podeLá saiL foLtalecido, em teLmos Lelativos, dessa cLise mundial? PodeLia seL o Cebolinha? Quem são os aliados no BLasil do plano infalível do Cebolinha paLa dominaL o mundo? SeLia o Cascão ou há mais amiguinhos?", escreveu o ministro.

O "imprecionante" ministro apagou a publicação, mas já era tarde. A Embaixada da China no Brasil respondeu à provocação do ministro e repudiou a declaração que considerou "preconceituosa" e exigiu um público pedido de desculpas.

"Deliberadamente elaboradas, tais declarações são completamente absurdas e desprezíveis, que têm cunho fortemente racista e objetivos indizíveis, tendo causado influências negativas no desenvolvimento saudável das relações bilaterais China-Brasil".

"Atualmente, a pandemia da Covid-19 está se espalhando globalmente, trazendo um desafio que nenhum país consegue enfrentar sozinho. A maior urgência neste momento é unir todos os países numa proativa cooperação internacional para acabar com a pandemia com a maior brevidade".

"Instamos que alguns indivíduos do Brasil corrijam imediatamente os seus erros cometidos e parem com acusações infundadas contra a China", disse o comunicado da embaixada.

O mesmo tom foi adotado na manhã desta segunda pelo embaixador chinês no Brasil, Yang Wanming, que disse aguardar "uma declaração oficial do lado brasileiro" sobre as palavras de Weintraub. Em sua conta pessoal no Twitter, o diplomata afirmou ter ciência de que "nossos povos estão do mesmo lado ao resistir às palavras racistas e salvaguardar nossa amizade", marcando em seguida o perfil oficial do Itamaraty na rede social.

IMBECIL

Em resposta, o ministro negou ter sido racista, afirmando "ter um monte de amigos chineses e conhecer a cultura" do país.

Após acusar a China sem embasamento, de esconder informações sobre a doença do resto do mundo para posteriormente lucrar com leilões de equipamentos médicos. Ele condicionou um pedido de desculpas à venda, pelo país oriental, de mil respiradores a preço de custo para o Brasil. Segundo Weintraub, ele confirmaria sua burrice, pediria perdão pela sua imbecilidade e falaria: "Eu sou um idiota".

"Falar que eu sou racista, é uma acusação que se fosse um brasileiro ia ter que provar na Justiça, como alguns que me chamaram de racista aí vão ter que provar, porque é uma acusação grave", disse o bolsonarista. "Dado que a embaixada chinesa ficou tão ofendida, e eu sei como é a negociação dos chineses, esse processo cultural (...) eu vou fazer o seguinte, meu acordo: eu vou lá, eu peço desculpas e falo 'por favor, me perdoem pela minha imbecilidade'", afirmou. "Manda a embaixada colocar os mil respiradores nos meus hospitais e eu vou lá na embaixada e falo "eu sou um idiota", disse.

A China é o principal parceiro comercial do Brasil. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, o comércio bilateral entre os dois países movimentou US$ 98 bilhões em 2019.

VÍRUS MENTAL

No dia 18 de março, o deputado federal Eduardo Bolsonaro fez uma série de postagens em que responsabilizava o governo chinês pela pandemia de coronavírus, comparando-o com o governo soviético no desastre nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986, quando as autoridades esconderam e negaram inicialmente o desastre. Em resposta, Yang chegou a dizer que Eduardo, que atua como chanceler informal e foi cogitado para assumir a embaixada brasileira em Washington, "contraiu um vírus mental" durante a viagem do presidente Jair Bolsonaro à Flórida e chamou as postagens de um "insulto maléfico contra a China e o povo chinês".

A polêmica levou o presidente da Câmara, o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) a fazer um pedido de desculpas formal a Pequim. Deputados também enviaram ao Conselho de Ética da Casa um pedido de abertura de processo ético-disciplinar, por quebra de decoro parlamentar.

Agência Brasil

Weintraub acusou China de se favorecer com a pandemia de Covid-19

Brasil: mais de 12 mil casos de coronavírus confirmados e mortes registradas são 553

Na segunda-feira (06), o Ministério da Saúde confirmou que ao menos 553 pessoas morreram pelo novo coronavírus no Brasil.

Que foram registradas 67 novas mortes nas últimas 24 horas.

Segundo o balanço, o país soma 12.056 casos confirmados da doença. No dia anterior, eram 11.130 casos.

O ministério, porém, tem informado que o número real de casos tende a ser maior, já que são testados apenas os casos graves, de pacientes internados em hospitais, e há casos represados à espera de confirmação.

São Paulo se mantém como o estado mais atingido pelo novo coronavírus. O número de casos confirmados passou para 4.866—eram 4.620, segundo o balanço anterior. As mortes passaram de 275 para 304. Na sequência aparece o Rio de Janeiro, com 1.461 casos e 71 óbitos. Pernambuco ultrapassou o Ceará e agora é o terceiro com maior número de mortes, com 30. O estado também tem 223 casos confirmados. O Ceará tem 1013 casos e 29 mortes.

Seguindo boletim do Ministério da Saúde divulgado no sábado (4), a transmissão no país está em fase inicial, mas a alta incidência de casos em quatro estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Amazonas) e no Distrito Federal já indica uma transição para fase de aceleração descontrolada nesses locais.

Para a análise, o Ministério da Saúde divide a pandemia em quatro fases epidêmicas: epidemia localizada, aceleração descontrolada, desaceleração e controle.

O relatório aponta preocupação sobre o número de profissionais da saúde diagnosticados com a doença, a carência de profissionais de saúde capacitados para o manejo de equipamentos, a falta de leitos e a insuficiência da capacidade laboratorial.

Estados Unidos sequestra respiradores e prejudica atendimento de vítimas do coronavírus na Bahia

O sequestro dos equipamentos para o tratamento das vítimas do coronavírus realizada por Donald Trump nos Estados Unidos poderá atrasar a entrega dos leitos de UTIs na Bahia e no Ceará. Segundo o governo baiano, a compra de 600 respiradores artificiais realizada pelo Consórcio Nordeste, grupo que reúne os nove governadores da região do país, foi cancelada pela empresa chinesa que produz o equipamento.

O material seria distribuído entre a Bahia, que receberia 400 unidades, e o Ceará, que ficaria com os outros 200, segundo informações da assessoria de comunicação do governo baiano. O valor do contrato era de R$ 42 milhões. A assessoria do Consórcio Nordeste informou que a carga ficou retida no aeroporto de Miami, nos Estados Unidos.

"Lamentavelmente, esses equipamentos, em função de um decreto de proteção editado pelo presidente Trump, ele impede as empresas americanas de exportarem equipamentos para outros países, ainda que os equipamentos tenham apenas passado pelos Estados Unidos, hoje eles têm feito um sequestro de equipamentos", disse o Secretário Estadual de Saúde da Bahia, Fábio Vilas-Boas

Segundo o secretário, o Consórcio Nordeste estuda uma nova rota para a entrega de equipamentos que vem do Oriente. Ele aponta que o material precisa ser enviado via Oriente Médio ou Argentina para não ser impedido de chegar ao Brasil.

"Então, lamentavelmente, hoje para você conseguir trazer equipamentos da Ásia, que é o único lugar que vende, a Europa não está vendendo mais nada, Estados Unidos não vendem nada, você tem que buscar a rota via Oriente Médio ou rotas transpolares pelo sul, via Argentina, para não ter que passar pelos Estados Unidos", contou.

Respiradores comprados pelo Consórcio Nordeste foram sequestrados em Miami

De acordo com Fábio Vilas-Boas, os novos respiradores devem chegar na Bahia no dia 20 de abril. "Nós estamos agora em um processo novo de aquisição de equipamentos com prazo de chegada para o dia 20 de abril, de 600 novos respiradores. Também da China, e vão chegar através de uma rota que vai passar pela Argentina, e deverá chegar aqui na Bahia em meados do mês de abril", disse o secretário. O secretário disse que frequentemente tem acontecido do pedido ser postergado para semanas ou meses. Ou simplesmente é cancelado. E quando o pedido é refeito, os preços são muito superiores. Vilas-Boas disse que tem relatos de estados que compraram, pagaram antecipado e o fornecedor pagou a multa, desistiu da venda e passou o produto adiante.

"Estamos em uma selva. Tenho a esperança forte de não ser sabotado nesse processo de respiradores. O governo procurou se blindar para que a próxima carga venha parar nas mãos da Bahia, disse.

EUA NEGA

A embaixada dos Estados Unidos negou no sábado (4) que o país tenha bloqueado compra de material médico da China que era destinado ao Brasil.

"O governo dos Estados Unidos não comprou nem bloqueou nenhum material ou equipamento médico da China destinado ao Brasil. Relatórios em contrário são completamente falsos", publicou o órgão em uma rede social.

PIRATARIA

Não é apenas o Consórcio do Nordeste e o Brasil que denunciou o confisco de equipamentos por parte dos EUA. Autoridades da França e da Alemanha denunciam que os EUA praticam "pirataria moderna" e estão pagando valores muito acima do preço do mercado para comprar máscaras médicas da China, maior produtora desses itens no mundo.

Em alguns casos, eles estariam "roubando" contratos ao oferecer valores mais altos, mesmo depois de compradores europeus acreditarem que a compra já estava acertada, ou inclusive já terem pago por ela.

"Dinheiro é irrelevante. Eles pagam qualquer preço porque estão desesperados", disse uma autoridade do partido da chanceler federal alemã, Angela Merkel, a União Democrata Cristã (CDU), à agência Reuters.

Outra fonte do governo alemão afirmou: "Os americanos estão se mexendo, carregam muito dinheiro".

Governo de São Paulo prorroga quarentena até dia 22 de abril

Diante dos esforços para frear o avanço do novo coronavírus no país, o governador de São Paulo, João Doria, determinou, na segunda-feira (6), a prorrogação do período de quarentena no estado até 22 de abril.

Com previsão do pico da epidemia para a primeira quinzena deste mês, a medida é defendida por infectologistas e técnicos do governo sem flexibilizações.

Ao anunciar o novo prazo de quarentena para o estado, o governador tucano abriu sua fala justificando a permanência da medida restritiva. "Não pauto minhas ações por populismo, mas amparadas pela ciência e conhecimento médico."

Na sequência direcionou seu discurso ao presidente Jair Bolsonaro que, além de minimizar os impactos da doença, atua para desestabilizar o projeto empenhado pelo Ministério da Saúde, encabeçado por Henrique Mandetta. "Saber ouvir é tão importante quando saber falar. É preciso ter humildade para ouvir, sobretudo em tempo em que alguns gostam de impor suas vontades e ameaçam aqueles que têm posição contrária."

A coletiva de imprensa contou com a participação do infectologista David Uip, recuperado do coronavírus após 14 dias de isolamento.

"Tive que me reinventar, mais humilde e reconhecendo os limites da vida" afirmou David Uip. O médico estava afastado desde 23 de março, quando testou positivo para a Covid-19.

"Quero que vocês entendam muito bem como funciona essa doença. Há dois domingos, eu me senti muito mal, não consegui falar", afirmou. "Estava extenuado."

"A semana que seguiu, fiz exames. Na tomografia, apareceu uma pneumonia. Se ver como médico infectologista e saber que, muito provavelmente, entre o sétimo e o décimo dia, iria piorar é muito angustiante. Você dormir e não saber como acordar. Mas venci a quarentena. Não é fácil ficar isolado, mas é absolutamente fundamental. Tive que me reinventar e criar um David novo, seguramente mais humilde."

Uip disse ainda que "quem vai sair vivo são pessoas que forem atendidas em equipes preparadas, bem instaladas e estruturadas". Com o achatamento da curva de contágio, os médicos esperam que pessoas infectadas sejam recuperadas e deixem o isolamento.

Hospital tem 200 leitos para Covid-19

Paulo Câmara impede a demissão de 3 mil motoristas em PE

O governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), anunciou a reversão das demissões de cobradores, fiscais e motoristas de ônibus realizadas após o início da pandemia do novo coronavírus.

Somente nesta última semana, cerca de três mil trabalhadores ficaram sem emprego, e a categoria fez um protesto na frente da garagem de uma das empresas na terça-feira (31).

"Conseguimos o compromisso para a reversão das demissões dos cobradores e motoristas que aconteceram nesta semana. Com isso, vão se sentar os empresários, os empregados e os sindicatos para que juntos possam construir alternativas que possibilitem o exercício da profissão, a manutenção dos empregos e os serviços sendo prestados a população que vai precisar disso nas próximas semanas. Especialmente os profissionais de saúde e aqueles que estão atuando e trabalhando para evitar a doença do coronavírus em Pernambuco", declarou.

Segundo o Grande Recife Consórcio de Transporte, a redução do número de passageiros no sistema foi de 74%, o que provocou uma redução de 47% da frota a partir da sexta-feira (3).

Paulo Câmara também falou sobre a prorrogação do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) por 90 dias. O aumento do período foi aprovado nesta sexta-feira (3) pelo Comitê Gestor do Simples Nacional (CGSN) após pedido do Poder Executivo.

"Conseguimos, junto ao Conselho Nacional de Secretários da Fazenda uma prorrogação por 90 dias do pagamento do imposto do pequeno e microempresário. Ou seja, das pequenas e microempresas. São mais de 100 mil em Pernambuco, que corresponde a 52% da mão de obra no nosso estado. A medida já vai alcançar as vendas que ocorreram no mês de março e vai se estender para as de abril e maio. Vamos possibilitar assim que o pagamento do ICMS só ocorra no segundo semestre", disse.

Hospital tem 200 leitos para Covid-19

Hospital de campanha do Pacaembu recebe os primeiros pacientes

O Hospital de Campanha do Pacaembu, na Zona Oeste de São Paulo, começou a receber os primeiros pacientes nesta segunda-feira (6). Esses primeiros pacientes com Covid-19 começaram a chegar no final da manhã ao local.

Por volta das 11h chegou a primeira ambulância com o primeiro paciente que estava no Pronto-Socorro do Hospital do Tatuapé, na Zona Leste da capital. Outros dois doentes que estavam na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Campo Limpo, na Zona Sul da capital chegariam na sequência. Depois chegaram ambulâncias com mais dois pacientes da UPA de Pirituba, Zona Norte.

A previsão é de que a cada meia hora, no mínimo, o Pacaembu vá recebendo infectados pela doença. Segundo a Secretaria da Saúde, 48 pacientes têm a transferência autorizada para o Hospital de Campanha.

PRESSÃO

O prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), disse na segunda-feira (6), que dos 200 leitos de observação disponíveis no Hospital de Campanha do Pacaembu, 25% deverão estar ocupados a partir desta terça-feira, 7. Nesta segunda, o hospital recebeu o primeiro paciente. Para a avaliação de Covas, "em breve, todos os leitos estarão ocupados".

Segundo o prefeito, apesar da criação de 3 mil novos leitos (900 de UTI e 2.100 de observação), "neste fim de semana, começamos a sentir a pressão sobre o sistema de Saúde da cidade de São Paulo".

CTB

Senadores entram com ação no STF contra MP que corta salário

Waldemir Barreto/Agência Senado

Senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) também assinou a ação no STF

Senadores da Rede questionaram no STF inconstitucionalidade da Medida

Os senadores Randolfe Rodrigues (AP) e Fabiano Contarato (ES), da Rede Sustentabilidade, apresentaram, na quinta-feira (2), uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) contra a possibilidade da redução de salário por acordo individual, determinada pelo Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (MP 936/2020), anunciado pelo governo federal.

A MP estabelece a possibilidade de suspensão temporária do contrato de trabalho por até 60 dias, com base em acordos individuais. Além disso, também permite ao empregador fazer a redução proporcional da jornada de trabalho e de salário de seus empregados de 25%, 50% ou 70% por até três meses.

Randolfe defende que o fato de a MP permitir acordo individual escrito, mesmo em estado de calamidade pública, vai contra diversas normas constitucionais que garantem os direitos trabalhistas.

"Não vamos permitir o enfraquecimento de direitos trabalhistas. Essa proteção é ainda mais necessária em momentos de crise, justificando-se, com mais força, a necessidade de fortalecimento da negociação coletiva, e não do seu enfraquecimento", declarou Randolfe.

No período em que vigorar o corte, o governo irá pagar uma parcela do seguro desemprego proporcional ao percentual cortado do salário pela empresa. Ou seja, com o corte de 70% do salário, o trabalhador receberá 70% do seguro desemprego que teria direito.

"Diminuir o salário por acordo individual é inconstitucional. A irredutibilidade salarial é garantia social ligada à dignidade humana, ao valor social do trabalho e ao mínimo existencial. É preciso propor outras saídas que não prejudiquem os brasileiros", ressaltou o senador Contarato.

Outros senadores também se posicionaram contra a medida. Nas redes sociais, o líder do PT, Rogério Carvalho (SE), denunciou que a proposta trata de "confisco salarial".

"É confisco de salário. Enquanto nós da oposição lutamos para garantir uma renda mínima para o povo brasileiro, o Bolsonaro quer cortar o seu salário. Isso é grave!", afirmou.

O senador Paulo Paim (PT- RS) disse que o governo se exime de combater os efeitos econômicos do coronavírus e "empurra a solução do problema para empresas e trabalhadores".

"A MP 936 empurra a solução dos problemas para empresas e trabalhadores, individualmente, aumenta a insegurança jurídica. Os acordos coletivos devem ser priorizados. O investimento está aquém do necessário e do que era esperado", denunciou Paim.

Para o senador Renan Calheiros (MDB-AL), enquanto outros países garantem os salários, o governo Bolsonaro propõe como solução para a crise o corte da renda dos trabalhadores.

"A sociedade quer soluções, orientações científicas, socorro financeiro e sensatez. Na Inglaterra está garantido 80% do salário. Nos EUA, renda mínima de US$ 1,2 mil. Aqui, uma nova 'MP da morte' quer abolir salário? Desumano e inaceitável", criticou.

MP que impõe negociação individual viola a Constituição, denunciam juízes do Trabalho

A Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho (Anamatra) divulgou nota em que avalia a Medida Provisória 936 que institui o "Programa de Manutenção do Emprego e da Renda" (MP 936), divulgada no dia 1º pelo governo Bolsonaro.

Na nota, assinada pela presidente da entidade, Noemia Porto, divulgada nesta quinta (02), os magistrados criticam a imposição de negociação coletiva prevista da medida para os trabalhadores que recebem remuneração de até R$ 3.135.

Para a entidade, "em momento de alta fragilidade, pelas incertezas sociais e econômicas, colocar pessoas com medo para negociarem sozinhas. Isso não é negociação. Será sempre imposição".

Para a entidade "num cenário de crise, é de que a prioridade das medidas governamentais se dirija aos mais vulneráveis, notadamente, aqueles que dependam da própria remuneração para viver e sustentar as suas famílias. Tais medidas devem ser, além de justas, juridicamente aceitáveis".

A Anamatra afirma que a MP 936 desconsidera a realidade social do país, com milhões de trabalhadores em situação de vulnerabilidade que se agravou ainda mais com a crise sanitária que atravessamos e que necessitam do trabalho para sobreviver.

A MP insiste "em acordos individuais entre trabalhadores e empregadores; na distinção dos trabalhadores, indicando negociação individual para 'hipersuficientes'".

A MP descola a remuneração do contrato de trabalho e estabelece uma "ajuda compensatória mensal" aos trabalhadores com o contrato suspenso em empresas que tiveram "receita bruta superior a R$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais)", diz o texto da MP.

REBAIXAMENTO

Para a Anamatra isso "redundará no rebaixamento do padrão salarial global dos trabalhadores e das trabalhadoras. Tudo isso afronta a Constituição e aprofunda a insegurança jurídica já decorrente de outras mudanças legislativas recentes".

"A Constituição de 1988 prevê, como garantia inerente à dignidade humana, a irredutibilidade do salário, salvo o disposto em convenção ou acordo coletivo (art. 7º, IV). Por isso, a previsão de acordos individuais viola a autonomia negocial coletiva agredindo, primeiro, o sistema normativo que deve vincular todos os Poderes Constituídos e, segundo, a Convenção nº 98 da OIT, que equivale a norma de patamar superior ao das medidas provisórias", afirma a nota.

Os magistrados do trabalho afirmam que, ao contrário de atacar os salários dos trabalhadores, são necessárias medidas que reforcem a Constituição Federal com medidas diferenciadas "para as micros e pequenas empresas, que podem ser beneficiadas com a suspensão de débitos de natureza fiscal, creditícia e administrativa, que poderia se constituir em um grande pacto de desoneração dessas empresas, com o objetivo de que consigam, como contrapartida, manter os empregos".

Centrais cobram governo: "Paga logo, Bolsonaro"

As centrais sindicais se somaram à campanha que tomou as redes sociais desde ontem com a palavra de ordem "Paga logo, Bolsonaro" e a #QuemTemFomeTemPressa.

O movimento é para que Bolsonaro sancione a lei que prevê o pagamento de renda mínima emergencial aos trabalhadores informais e mães chefes de família no valor de R$ 600 a R$ 1,2 mil por mês.

O movimento exige que os recursos cheguem às pessoas o mais breve possível e já conta com a adesão de diversos setores da sociedade como artistas, políticos e entidades do movimento social.

A campanha teve início logo após a aprovação no Senado, nesta segunda feira (30), da lei 1066 de 2020 que garante o pagamento da renda mínima aos mais de 38 milhões de trabalhadores informais, além de microempreendedores individuais (MEI) e contribuintes da Previdência Social.

Devido à necessidade de isolamento social, orientada pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para conter os avanços do novo coronavírus (Covid-19), estes trabalhadores estão impossibilitados de trabalhar para a garantia de sua subsistência e nem possuem garantia de direitos e encargos trabalhistas assegurados aos trabalhadores com carteira assinada.

O valor aprovado no Congresso foi superior à proposta inicialmente por Bolsonaro, de míseros R$ 200 por mês.

Para receber o benefício o trabalhador precisa ter mais de 18 anos, comprovar renda familiar mensal por pessoa de até meio salário mínimo ou renda familiar mensal total de até três salários mínimos, não receber seguro desemprego e nem benefícios previdenciários e não participar de programas de transferência de renda do governo federal, com exceção do Bolsa Família.

Uma semana após aprovação de renda a informais, governo ainda não iniciou pagamento

Uma semana após o Congresso aprovar o auxílio emergencial de R$ 600 para trabalhadores informais e de 1.200 para mães chefes de família – que demorou dois dias para ser sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro – o governo ainda não começou a pagar os trabalhadores que têm direito.

A demora do governo em agir para que o dinheiro chegue ao bolso dos trabalhadores vem sendo duramente criticada por autoridades, parlamentares e especialistas. São milhões de famílias que a essa altura, por conta da paralisação econômica causada pela pandemia do coronavírus, já estão passando fome.

Segundo informações da equipe econômica, os informais que estão registrados no Cadastro Único do governo federal terão o benefício garantido por esse calendário de pagamento.

Em entrevista à Rádio Gaúcha nesta segunda-feira pela manhã, o ministro da Cidadania, Onyx Lorenzoni, informou que o governo deve disponibilizar amanhã, terça-feira, o valor de R$ 600 reais para os trabalhadores informais que possuem conta na Caixa. Segundo ele, os clientes do Banco do Brasil receberão o dinheiro na quarta-feira.

"Espera ter o pagamento já a partir de terça-feira para quem tem conta na Caixa. Vamos no fim da tarde dizer qual horário. Temos que ver esse volume, que vai oscilar entre 15 e 20 milhões de pessoas para saber quantos são clientes da Caixa. Essa mesma listagem vai rodar Caixa e Banco do Brasil para estar na conta de milhões de pessoas na quarta. Já na quarta já pode transferir", disse.

Já os informais e autônomos que não fazem parte do Cadastro Único, milhões de trabalhadores que não se enquadram em nenhum sistema de benefícios sociais, aquelas pessoas que literalmente se viram como podem para sobreviver, devem solicitar o benefício por meio de um aplicativo que será lançado pelo governo em parceria com a Caixa Econômica.

Segundo o governo, a ideia é receber todas as informações dos trabalhadores informais exclusivamente por esses canais virtuais, conferir os dados e liberar o pagamento.

Resta saber se pessoas, que muitas vezes não têm nem conta em banco ou idosos, vão conseguir acessar o aplicativo. É a precariedade do trabalho no país, ou o tão propalado "empreendedorismo individual" defendido pelo ministro Paulo Guedes, que agora se mostra em toda a sua tragédia.

São esses autônomos, ambulantes, diaristas, empregados intermitentes que estejam sem trabalho e microempreendedores individuais (MEIs) que estarão aptos a se cadastrar no aplicativo para solicitar o benefício.

Inscritos no Bolsa Família também terão direito ao auxílio.

Entidades sindicais repudiam nova MP do governo

As entidades do movimento sindical, confederações e federações de trabalhadores, centrais sindicais, sindicatos de diversos setores e entidades da sociedade civil divulgaram nota conjunta em repúdio à Medida Provisória 936/2020, enviada pelo governo federal ao Congresso Nacional, no dia 1º de abril.

A MP prevê a redução de salários (de 70%, 50 e 25%) por até três meses e a suspensão dos contratos de trabalho por até dois meses. Para as entidades, a medida representa uma "perversidade absurda e inaceitável".

"Longe de favorecer o enfrentamento concreto e real à crise do novo Coronavírus, ela joga gasolina na fogueira da crise. E, como se não bastasse, representa um inaceitável confisco dos rendimentos das classes trabalhadoras que, em larga escala, terão dificuldades, senão impossibilidades, de manter a sua sobrevivência", diz a nota.

A MP reedita um trecho de medida anterior (MP 927) que foi retirada no mesmo dia de sua publicação devido à pressão exercida por diversos setores da sociedade. Agora, ao invés dos anteriores 4 meses, a MP 936 prevê a suspensão dos salários por 90 dias (3 meses), na tentativa de passar o dispositivo pelo Congresso Nacional. "Trata-se de proposta que deve ser rejeitada, novamente, pelo Congresso Nacional, conforme já ocorreu na votação da Medida Provisória 927/2020", afirmam as entidades.

"Na contramão de muitos outros países e contrariando recomendações do próprio Fundo Monetário Internacional – FMI – que recomenda a necessidade, nesse momento, dos governos preservarem empregos, assegurarem renda e salários ao povo em geral; o governo Bolsonaro, com a política econômica ultraliberal de Paulo Guedes, se aproveita da crise para tentar confiscar salários, ao mesmo tempo em que protege o "mercado" com transferências volumosas de recursos públicos", diz a nota.

As entidades denunciam ainda que o governo Bolsonaro anunciou um pacote para salvar a liquidez dos bancos de "um trilhão e duzentos bilhões de reais [R$ 1.200.000.000.000,00], enquanto para os trabalhadores informais, intermitentes, de aplicativos, desalentados e subutilizados, a previsão é de R$ 60 bilhões, que não chegam a 5% da generosidade feita ao mercado financeiro. Este nada perdeu e nada tem a perder. Ao contrário, mantém a sua lógica de aumentar os seus lucros com a crise, como fazem os bancos, elevando as taxas de juros em até 70%, conforme denúncia da associação nacional de lojistas".

A nota lembra que a atual crise econômica do País não é um efeito do coronavírus, sim um problema que se alastra desde 2014, se agravando ainda mais a cada ano que passa "cujas vítimas principais são os trabalhadores e as parcelas mais pobres da população, ainda mais prejudicadas com as reformas e ajustes fiscais do governo. Assim, é uma afronta querer sacrificar ainda mais as classes trabalhadoras com redução de salários".

Congresso aprova projeto que suspende ações de despejo até 30 de outubro

O Senado aprovou nesta sexta-feira (3) projeto de lei que, entre outras propostas, suspende as ações de despejo de imóveis até 30 de outubro.

O substitutivo ao PL 1179 de 2020, do senador Antonio Anastasia (PSD-MG), foi apresentado pela senadora Simone Tebet (MDB-MS), e afirma que "não se concederá liminar para desocupação de imóvel urbano nas ações de despejo (...) até 30 de outubro de 2020".

A votação aconteceu após um acordo de líderes de partidos, que orientaram pela aprovação em votação simbólica. Os senadores abriram mão da apreciação de destaques para agilizar a votação do projeto, que agora segue para a Câmara dos Deputados.

A proposta aprovada também dá poderes emergenciais para que os síndicos de condomínios possam restringir o uso de áreas comuns; limitar ou proibir reuniões, festas e uso de estacionamentos; e autorização para que as assembleias ocorram por meio virtual.

As regras para contratos agrários ficam flexibilizadas. Mas a contagem do tempo de ocupação de terrenos, para efeito de usucapião, é suspensa.

O projeto também estabelece prisão domiciliar, como pena, para casos de atraso no pagamento de pensão alimentícia.

HP 8 E 9 DE ABRIL DE 2020

Que o mundo aprenda o quão efêmera é esta economia especulativa

STELLA CALLONI*

"Talvez o mundo aprenda quão efêmera é a especulação financeira, como tudo se derruba em um instante quando este bicho microscópico aparece em cena e leva milhares de vidas e milhões de dólares", disse o presidente Alberto Fernández em um ato durante o qual foram inauguradas as novas obras do Sanatório Antártida, que será utilizado para atender pacientes afetados por coronavírus.

Fernández acabara de emitir um Decreto de Necessidade e Urgência (DNU), que impede a demissão e suspensão de trabalhadores, e outro dispondo a criação de um programa de assistência de emergência para apoiar com subsídios estatais a empregadores e trabalhadores de empresas micro, pequenas e médias, afetadas pela diminuição da atividade produtiva devido à pandemia.

O sanatório Antártida que pertence ao Sindicato de Caminhoneiros dispõe de 340 leitos, e o histórico dirigente Hugo Moyano entregou as chaves ao presidente Fernández que o pôs à disposição da emergência. O chefe de Governo agradeceu esta decisão e a solidariedade demonstrada e acrescentou: "Dissemos que íamos voltar melhores. Estamos sendo melhores, Hugo, estamos sendo muito melhores".

Uma quantidade de sindicatos que na Argentina têm importantes obras sociais e hospitais e clínicas para seus filiados ficaram à disposição para atender esta grave emergência e também hotéis sindicais, alguns dos quais estão abrigando argentinos que chegaram desde países em risco e são submetidos a um tempo de observação e quarentena.

Realizam ainda constantes reuniões de dirigentes com o presidente ante a gravidade da situação destes momentos, como também com dirigentes sociais, responsáveis por refeitórios populares, e ainda estão ajudando na disposição governamental de manter os refeitórios escolares.

"O problema da Argentina são os que acreditam que sobra gente, não os que acreditamos que todos temos um lugar. O problema são os que especulam e não acreditam em construir um país trabalhando e produzindo" assinalou o chefe de governo que lembrou que o sistema de obras sociais que existe na Argentina está desenhado para que "a autogestão dos trabalhadores seja capaz de dar saúde aos que a necessitam".

*A coluna é da jornalista argentina, Stella Calloni, publicada no dia 1º de abril, no jornal La Jornada, do México, da qual é correspondente, sob o título: "Talvez o mundo aprenda o efêmero da economia: Alberto Fernández"

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Divulgação

"É preciso uma auto-reflexão moral séria", afirma o cineasta Stone

Oliver Stone: "Casa Branca revela sua profunda indecência no trato com as outras nações"

EUA se recusa a levantar sanções contra Irã, Cuba e outros países em meio à pandemia

O cineasta Oliver Stone afirmou que o governo dos Estados Unidos revelou seu desprezo pela compaixão humana e a solidariedade mundial ao negar-se a levantar as sanções draconianas que aplica contra o Irã e Cuba, entre outros países, em meio à crise da Covid-19.

Em artigo publicado pelo New York Daily News, junto com o professor de Direitos Humanos Internacionais da Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania, Daniel Kovalik, o premiado diretor norte-americano disse que a crise de saúde demonstrou a desumanidade da política exterior de Washington. "A pandemia atual está expondo não só os fracassos de nosso governo para proteger seus próprios cidadãos, como também sua profunda falta de decência ao tratar com outras nações".

Stone assinalou que Irã tem sofrido muito pelo vírus, apontando que devido às sanções dos Estados Unidos, a República Islâmica é "dos únicos países do mundo que não podem comprar os medicamentos necessários para combater a pandemia."

Stone condenou também a decisão de Washington de manter, e em alguns casos, aumentar, as medidas de estrangulamentos econômicos contra países como Cuba e Venezuela na medida em que o coronavírus afeta os sistemas de saúde em todo o mundo.

Lembra que Cuba inclusive permitiu que um cruzeiro atracasse em um de seus portos, quando outros países se negaram a acolhê-lo, embora algumas das pessoas a bordo deram positivo para o COVID-19.

"Esse barco estava cheio de cidadãos em sua maioria britânicos aos que se lhes permitiu voar de regresso a casa desde Cuba. E além disso, Cuba, junto com a China, está enviando médicos e suprimentos a vários países do mundo para ajudá-los a combater a pandemia", ressaltou.

Stone pediu uma "auto-reflexão moral séria» nos Estados Unidos, advertindo que inumeráveis vidas estão em risco e e a tragédia será ainda maior a menos que haja uma "mudança imediata nessa situação".

O cineasta ganhou dois Oscars de melhor diretor com os filmes Platoon e Born on the Fourth of July (Nascido em quatro de julho), filmes que expõem crimes de guerra dos EUA no Vietnã e suas danosas consequências à própria sociedade norte-americana.

Governo da Itália prorroga quarentena até 2 de maio

BergamoNews

Com italianos em casa, largo da Fontana di Trevi em Roma fica vazio

"Infelizmente não acredito que essa situação tenha passado até 1º de maio, precisamos ser extremamente rigorosos e fazer avaliar avaliações diárias", afirmou Borelli, chefe da Defesa Civil, ao anunciar a prorrogação

O chefe da Defesa Civil da Itália, Angelo Borrelli, anunciou na sexta-feira, 3, que a quarentena será prorrogada, pelo menos, até o dia 2 de maio. A extensão da medida preventiva se deu no dia em que o país registrou a chegada a um total de 13,915 e, neste sentido a ser o país mais atingido em número de mortos pelo novo coronavírus em todo o mundo, com 13.915 óbitos, e com 115.242 casos confirmados de infecção pelo vírus.

A decisão anunciada por Borelli acontece em um momento em que os italianos começam a sentir os primeiros e ainda frágeis alívios com a curva dos mortos e infectados primeiro se estabilizando e, nos últimos dias, começando a mostrar uma leve retração do ritmo de propagação da doença.

No domingo, o número de mortos atingiu 15.887, o que corresponde a quase um quarto do total registrado no mundo. No entanto, os 525 óbitos em relação ao dia anterior foi o menor registro para um só dia desde 19 de março. Há queda também em termos de pacientes em unidades de terapia intensiva (UTI) pelo segundo dia consecutivo.

"A curva atingiu um pico e começou a descer", disse Silvio Brusaferro, diretor do *Istituto Superiore di Sanità*, o principal instituto de saúde da Itália. "É um resultado que temos que alcançar dia após dia."

Os números do domingo dão de que as rígidas restrições à circulação e reuniões públicas impostas em 9 de março na Itália conseguiram conter a epidemia, mas as autoridades alertam: "Não abaixe a guarda, fique em casa", como disse Borelli, em seu informe diário do domingo.

Divulgação

"Infelizmente não acredito que essa situação tenha passado até 1º de maio, precisamos ser extremamente rigorosos e avaliar a situação dia a dia", disse ele, à rádio pública RAI 1.

No isolamento que a Itália está praticando desde o dia 9 de março, está incluída a suspensão das aulas e os serviços não essenciais. Todos os eventos foram cancelados e o uso do transporte está rigorosamente controlado, até mesmo para deslocamento de mercadorias.

O país analisa a forma de sair da quarentena quando o número de novas infecções estiver próximo a zero em todo o território. Isso será feito de forma gradual e acompanhada dia a dia, como declarou o sanitarista Brusaferro.

O fim do confinamento, que estava previsto para o dia 13 de abril, foi portanto adiado.

Durante a entrevista, Borelli considerou ainda que "o coronavírus mudará a abordagem em relação aos contatos humanos e interpessoais". "Teremos que manter distância por algum tempo", constatou.

"Devemos aplicar medidas firmes e cautelares, porque a possibilidade de retorno do vírus não está excluída, como demonstram as novas medidas na China", disse.

O primeiro-ministro, Giuseppe Conte, reforçou as medidas frisando que o retorno do país a suas atividades tem que ser gradual. Ele destacou as declarações do dirigente espanhol, Pedro Sanchez, de que a Europa tem tido um "comportamento egoísta".

"Nós fazemos um apelo para que se dê um salto qualitativo no sentido da união política e social e não apenas económica", enfatiza o chefe de Governo.

"A solidariedade deve ser a tinta com que escrevemos esta página da História", acrescenta.

O chefe de Governo italiano voltou a mencionar os "fundos europeus de recuperação" (obrigações europeias para relançamento e reconstrução) necessários, afirma, para financiar os esforços extraordinários que a Europa deve promover e lançar no sentido da reconstrução do "tecido económico e social".

As obrigações europeias devem, segundo ele, permitir a utilização plena de um verdadeiro "poder de fogo" da família europeia para "fazer nascer" um programa comum da economia.

"Face a uma tempestade como o covid-19 - que nos preocupa a todos - não é preciso um colete de salvação para a Itália, mas sim de um sólido bote de salvação europeu que dirija os nossos países a porto seguro", finaliza.

Chanceler alemã orienta: "Ainda é cedo para relaxar as medidas preventivas"

A chanceler alemã, Angela Merkel, anunciou a prorrogação das medidas de isolamento social vigentes no país para combater a propagação do coronavírus pelo menos até o dia 19 de abril.

AFP

Angela Merkel

"O número de infecções continua a aumentar acentuadamente. Constatamos que a duração da recuperação de pessoas gravemente infectadas é mais longa do que pensávamos, muito mais do que duas semanas", afirmou a chanceler em videoconferência com líderes regionais, na quarta-feira, 1, segundo a France Presse.

"Acordamos com os primeiros ministros das 16 regiões da Alemanha manter as medidas até agora vigentes", disse Merkel.

Assinalou que é "muito cedo para pensar em um relaxamento das medidas", e confirmou que se reavaliará a situação depois do próximo dia 19, quando oficialmente acabam as férias escolares. Disse entender que a atual é "uma situação difícil para todos" e agradeceu aos cidadãos por respeitar as medidas em vigor.

Solicitou a todos que renunciem "em geral às viagens privadas e visitas a chegados" com motivo da Páscoa, o que se prescreve tanto para deslocamentos locais como inter-regionais.

"É importante seguir as regras de distanciamento. Com certa distância, o risco de infecção é reduzido", disse Merkel, durante uma coletiva de imprensa.

"Todos devem manter a organização de seus movimentos e sua vida para as próximas semanas de acordo com essas orientações claras", acrescentou. Merkel ressaltou ainda que as restrições são a regra e não uma recomendação.

O governo federal e os estados tinham determinado em 22 de março o fechamento parcial da vida pública e a proibição das reuniões ou saídas em grupo de mais de duas pessoas.

Também foram fechados escolas e berçários e só permanecem abertos no país alguns comércios, fundamentalmente os dedicados ao abastecimento de alimentos, assim como as farmácias ou postos de gasolina.

Uma multa de até 25 mil euros (cerca de 136 mil reais) pode ser aplicada a quem desrespeitar a proibição, segundo o governador da Renânia do Norte-Vestfália, Armin Laschet, um dos estados mais afetados pela Covid-19. A polícia e autoridades responsáveis pela ordem pública controlarão o cumprimento da medida, informou a rede Deutsche Welle (DW).

Na Alemanha o número de infectados na quinta-feira, 2, ascende a 81.728 casos confirmados por Covid-19 e 997 mortos, segundo informações da Universidade Johns Hopkins.

O governo alemão já havia disponibilizado empréstimos no valor de 822 bilhões de euros – o maior no país desde o pós-guerra – para ajudar empresas e trabalhadores a lidar com as consequências econômicas da pandemia, no sábado 21 de março.

Arce denuncia que "o governo atrasa quarentena e alastra fome na Bolívia"

O governo da autoproclamada presidenta Jeanine Áñez "entrou de forma errada e tardia no combate à pandemia", denunciou Luis Arce Catacora, candidato à Presidência da Bolívia pelo partido Movimento Ao Socialismo – Instrumento Político para a Soberania dos Povos (MAS-IPSP), em entrevista exclusiva.

Arce acrescentou que foi aprovado um minguado "bônus família" que não foi pago, apenas se obriga as pessoas a ficarem em casa passando fome. "Por isso vocês viram pela imprensa em Riberalta, cidade próxima ao Brasil, muitas pessoas terem de sair e romper o cerco das Forças Armadas e da polícia, porque a fome não pode ser combatida enviando pessoas para a prisão. Vão precisar mandar todos os bolivianos à prisão, porque o povo está faminto", condenou o candidato do MAS, cobrando a ampliação do "bônus família" que "alcança no total a somente 22% das pessoas necessitadas".

"Acredito que essa crise do coronavírus revelou muito claramente que não se pode deixar a saúde nas mãos do setor privado, que faz dela um negócio, como ficou demonstrado pelos Estados Unidos, pela Europa e por vários países. É preciso uma participação cada vez maior e mais ativa do Estado", afirmou ainda Arce. Conforme o ex-ministro da Economia de Evo Morales, "a pandemia revelou que a saúde é um tema que atinge e diz respeito a todos, e que não é necessário apenas garantir todas as condições de atendimento humano e material à população, em clínicas e hospitais, mas também investir em pesquisas".

Boa Leitura

LEONARDO WEXELL SEVERO

Ernesto Andrade-Hora do Povo

"O povo está faminto", denunciou o candidato a presidente pelo partido MAS-IPSP, Luis Arce

Como em todo o mundo, a chegada do coronavírus põe em risco a vida de milhares de bolivianos. O que fazer quando o governo da autoproclamada presidenta Jeanine Áñez prioriza a repressão em vez de medidas efetivas de saúde e educação no combate à pandemia?

Primeiro, este é um tema que requer a participação de vários atores, dos meios de comunicação e dos governos das distintas esferas: nacional, estadual e municipal. É um tema que envolve a participação dos mais amplos setores. Para reduzir a taxa de contágio e achatar a curva de contágio, reduzir o número de pessoas contagiadas e, consequentemente reduzir a probabilidade de doentes, o mais acertado era termos realizado quarentenas imediatas, o que na Bolívia não se fez. Acredito que em muitos países também se demorou a tomar tais medidas e isso precisa ser dito.

Esse primeiro tipo de medida, que busca evitar o rápido contágio entre as pessoas, que é a característica do coronavírus como sabemos. Embora não tenha uma letalidade muito grande, se comparado a outras enfermidades, tem uma velocidade extrema de contágio, o que assusta as pessoas, põe em pânico, pois lota os hospitais e todos os serviços de saúde. Por isso, nós, enquanto MAS, enviamos uma proposta ao governo que infelizmente ditou a quarentena e uma forma de enfrentamento à pandemia sem diálogo, e volto a repetir, com atraso.

A quarentena foi adotada com atraso pois imagino que ficaram calculando qual seria a medida com menor impacto econômico, a que menos prejudicasse a economia e protegesse a saúde, o que é um equilíbrio complicado. Acredito que deveria ter sido priorizada a saúde. Assim, penso que as pessoas que entraram no país deveriam ter sido submetidas a estudos, o que não se fez, se postergou. Uma vez o vírus tendo entrado no país, defendemos a proteção dos mais pobres e vulneráveis, o que também não foi feito.

Leia matéria na íntegra: www.horadopovocom.br

Sputnik

Moscou sob rigorosas precauções para barrar coronavírus

Rússia estende o 'fique em casa' até 30 de abril com salário pago a todos

Para reforçar a política de contenção da disseminação do coronavírus na Rússia, o presidente Vladimir Putin anunciou na quinta-feira (2) a extensão até o dia 30 de abril, do que fora inicialmente uma semana de folga remunerada para todos trabalhadores não-essenciais.

O líder russo convocou o povo seguir a orientação do governo e das autoridades médicas e ressaltou que é dever de cada um velar para se manter com saúde.

O país está se preparando para um aumento rápido no número de contágios e de mortes. Moscou e outras regiões já estão sob quarentena, e o decreto de Putin determina que cada uma das regiões da federação, que integram o maior país do mundo, adotem as medidas necessárias para garantir a contenção da covid-19.

No início da semana, o prefeito de Moscou, Sergey Sobayanin, tornou obrigatória para todos os residentes a orientação de "ficar em casa", para todas as faixas etárias.

Só é permitido deixar a residência em caso de necessidade, havendo multa para os infratores e a polícia está autorizada a interpelar quem estiver na rua. Locais públicos, incluindo museus, teatros e parques estão fechados.

Já são 4.149 casos confirmados na Rússia, em 78 regiões, com 34 mortes e 281 altas – mais da metade dos contágios ocorre em Moscou.

Putin também orientou o governo a aumentar a produção de equipamentos de proteção individual e de desinfecção, e a garantir a criação de novos sistemas de teste para diagnósticos e de vacinas para a prevenção da covid-19

As decisões foram anunciadas em discurso em rede nacional, que transcrevemos a seguir.

"Queridos amigos! Caros cidadãos da Rússia!

Está se encerrando a semana de licença declarada na Rússia. Ao mesmo tempo, médicos, enfermeiros e todos os funcionários das instituições médicas continuam trabalhando em um regime tenso.

É muito difícil para todos eles agora. Nos hospitais e departamentos de doenças infecciosas e em todos os locais os trabalhadores médicos contêm a epidemia que se aproxima: tratam, salvam pessoas e evitam o aparecimento e o desenvolvimento da doença.

Estou certo de que todos os cidadãos do país unirão suas vozes de sincera gratidão aos nossos trabalhadores médicos.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Berlim acusa EUA de 'pirataria' por se apossar de máscaras anti-Covid-19

Foto: Morning Star

Boris Johnson já foi adepto de não fazer nada contra o coronavírus, mas mudou de ideia

Gripezinha leva o premiê Boris Johnson para a UTI

O primeiro-ministro Boris Johnson, que havia sido hospitalizado no domingo por causa do coronavírus, foi transferido para uma unidade de terapia intensiva (UTI) depois que sua condição piorou, anunciou na segunda-feira (6) porta-voz de Downing Street, a sede do governo britânico.

A decisão foi tomada por sua equipe médica depois que sua condição piorou ao longo do dia. De acordo com o jornal Guardian, o primeiro-ministro está consciente e foi movido por precaução no caso de precisar de ventilação.

A nota do governo britânico:

"Desde a noite de domingo, o primeiro-ministro está sob os cuidados de médicos do Hospital St Thomas, em Londres, depois de ter sido internado com sintomas persistentes de coronavírus.

Ao longo desta tarde, a condição do primeiro-ministro piorou e, a conselho de sua equipe médica, ele foi transferido para a unidade de terapia intensiva do hospital.

O primeiro-ministro pediu ao secretário de Relações Exteriores Dominic Raab, que é o primeiro secretário de Estado, que o substitua sempre que necessário.

O PM está recebendo excelente atendimento e agradece a todos os funcionários do NHS [sistema público de Saúde inglês] por seu trabalho e dedicação".

Desde 27 de março, Johnson vinha sendo mantido isolado em um apartamento na sede do governo.

Boris Johnson se tornou um firme defensor do "fique em casa", fazendo uma autocrítica da concepção inicial de seu governo contra a quarentena, na suposição de que a exposição da população ao vírus levaria à "imunização de rebanho".

Estudo do conceituado Imperial College, que demonstrou que, até atingir sob laissez-faire a imunização (o que requereria pelo 60% já tivesse tido contato com o vírus), o brutal número de mortes resultante tornaria tal proposição socialmente inaceitável.

Uma consequência desse enfoque inicial desastrado – e do tempo perdido para começar a quarentena – são os quase 48 mil casos de contágio do coronavírus no Reino Unido e quase 5 mil mortos, o que faz com que também tenha superado a China em total de óbitos. Só nas últimas 24 horas, foram quase 6 mil novos doentes e 621 mortos a mais.

Essa nova compreensão proporcionou a adoção da quarentena, com Boris Johnson enfatizando que "fique em casa", "proteja o NHS [serviço público de saúde, o SUS britânico]" e "salve vidas".

Em raro discurso à nação no domingo, a rainha Elizabeth II convocou o povo inglês a superar a pandemia, "usando os grandes avanços da ciência e nossa compaixão instintiva para curar".

Relembrando a II Grande Guerra, quando as crianças eram levadas para fora de Londres para sua própria segurança, a rainha conclamou todos a respeitarem a quarentena. "Hoje, mais uma vez, muitos sentirão uma sensação dolorosa de separação de seus entes queridos", disse Elizabeth II. "Mas agora, como então, sabemos, no fundo, que é a coisa certa a se fazer".

AFP

"Não tenho outra solução", diz Andrew Cuomo

Governador de NY requisita ventiladores estocados e sem uso nos hospitais privados

"Eu não tenho opção", afirmou o governador do Estado de Nova Iorque, Andrew Cuomo, ao anunciar que está requisitando os ventiladores não utilizados nos hospitais privados para distribuí-los nos hospitais localizados nas áreas mais afetadas do Estado.

"Não vou permitir que nenhuma unidade médica fique sem equipamento adequado, mas há algumas que não necessitam de equipamento excessivo", esclareceu Cuomo.

O governador já vinha alertando que, em poucos dias, o Estado, o mais afetado pelo surto de coronavírus que atinge os Estados Unidos, ficaria sem condições de tratar pacientes em estado grave nas áreas mais atingidas.

Para tanto, Cuomo assinou uma ordem executiva e orientou a Guarda Nacional a ficar de prontidão para realizar o transporte dos equipamentos tomados pelo Estado. A mesma decisão também permite que equipamento de proteção individual que não está sendo utilizado nos hospitais privados seja também assumido pelos funcionários em nome do governo.

Segundo ele, estas companhias terão os ventiladores devolvidos após a crise ou serão reembolsadas.

"Eu entendo que eles não queiram abrir mão de seus ventiladores, que são equipamentos caros. Mas não tenho alternativa. Não vou permitir uma situação em que nós sabemos que estamos ficando sem ventiladores e que pessoas comecem a morrer por falta destes equipamentos", disse ainda durante a coletiva.

No momento em que Cuomo anunciava a medida, 102 mil pessoas já haviam testado positivo para o covid-19 no Estado em que governa. Mais de 2.900 já haviam falecido, dos quais 1562 na cidade de Nova Iorque.

AFP

"Pedido francês tambem foi comprado na pista e o avião decolou para os EUA",

China presta homenagem às vítimas da pandemia

A China homenageou no sábado (4) as vítimas da covid-19, com o país inteiro parando às 10 horas da manhã (hora local) para lembrar os 3.326 mortos do coronavírus, com sirenes e buzinas soando, seguido por três minutos de respeitoso silêncio. Na Praça Tiananmen, em Pequim, a bandeira nacional estava a meio pau.

Mais difícil emergência de saúde pública da República Popular da China desde sua fundação em 1949, o surto de covid-19 foi contido após um esforço sem precedentes, com o fechamento total da província de Hubei, o epicentro da doença, e isolamento do país inteiro e paralisação da maior parte da atividade econômica. E exigiu sacrifícios imensos do povo chinês e, em especial, de seu pessoal médico. Foram 81.639 casos confirmados de covid-19, de acordo com a Comissão Nacional de Saúde.

A tevê estatal mostrou na principal cerimônia na capital chinesa o presidente Xi Jinping e outros líderes do Partido e do Estado prestarem uma homenagem silenciosa aos mártires – pessoal médico, quadros e agentes comunitários – que morreram combatendo a covid-19 e aos cidadãos que perderam a vida no surto.

Os líderes chineses presentes tinham flores brancas presas ao peito, assinalou o China Daily. "Lamento profundo pelos mártires e compatriotas que morreram no surto de covid-19", dizia uma faixa preta com letras brancas.

Por toda a China, província por província, no interior e nas grandes cidades, a cena se repetiu: as pessoas de pé, onde estivessem, irmanadas em uma última lembrança.

Na cidade de Wuhan, onde o coronavírus foi primeiro detectado no final de 2019, o pessoal do Hospital Tongji se colocou na parte externa, todos com as cabeças inclinadas em direção ao prédio principal, alguns ainda com os trajes de proteção, que se tornaram símbolo da crise no mundo inteiro.

Sem paralelo, foi em Wuhan, uma cidade de 11 milhões de habitantes, a maior quantidade de mortos. Por toda a cidade, outros atos se repetiram nas praças públicas, hospitais e bairros. O bloqueio de Wuhan será levantado no próximo dia 8, e a cidade está se preparando para o recomeço.

Donald Trump explica o sequestro das máscaras: "Não queremos que outras pessoas as obtenham"

"Precisamos das máscaras, não queremos que outras pessoas as obtenham", disse o presidente dos EUA Donald Trump, expondo com crueza e cinismo o que uma autoridade alemã chamou de "ato de pirataria moderna".

"Você poderia chamar isso de retaliação, porque é isso que é, é uma retaliação. Se as pessoas não nos derem o que precisamos, seremos muito durões".

Na semana que se encerra neste domingo (5), vários países denunciaram que carregamentos de máscaras faciais – dramaticamente necessários em meio ao auge da pandemia de covid-19 – haviam sido desviados para os EUA.

O que foi feito através de corromper a cadeia de suprimentos em plena pista de aeroporto, oferecendo dinheiro vivo até quatro vezes mais, ou simplesmente se apossando da carga em alguma escala do voo para entrega.

Denunciaram o achaque a Alemanha, a França, o Brasil e o Canadá.

Cargas já pagas são praticamente sequestradas e contratos já assinados são cancelados sob a truculência de que Trump se gaba.

Trump asseverou que a situação era de alguma forma exatamente o "oposto" da acusação de "pirataria". Ele não esclareceu exatamente o que quis dizer com isso, aparentemente sugerindo que havia alguma base legal para apreender remessas internacionais.

A remessa de 200 mil máscaras N95 com destino a Berlim, surrupiadas na escala em Bangkok, foi produzida pela fábrica na China da 3 M e já estava paga.

Um carregamento de 60 milhões de máscaras que regiões francesas haviam comprado da China foi desviado para os EUA. "Um pedido francês foi comprado em dinheiro pelos americanos na pista, e o avião que deveria voar para a França decolou para os EUA", denunciou o presidente da Associação das Regiões da França, Renaud Muselier à RT France.

O mesmo ocorreu com o Brasil, conforme relatou o ministro da Saúde, Luis Henrique Mandetta: todo um carregamento de equipamentos de proteção individual (EPI) comprados na China foi desviado para os EUA e o Brasil ficou no prejuízo.

"Hoje os Estados Unidos mandaram 23 aviões cargueiros dos maiores para a China, para levar o material que eles adquiriram. As nossas compras, que tínhamos expectativa de concretizá-las para poder fazer o abastecimento, muitas caíram", disse o ministro.

Mesma coisa com os respiradores usados em UTI. "Entregaram a primeira parte. Na segunda parte, mesmo com eles contratados, assinados, com o dinheiro para pagar, quem ganhou falou: não tenho mais os respiradores, não consigo te entregar".

Matéria completa em www.horadopovo.com.br

Espanha cobra solidariedade da União Europeia ante a Covid-19

O premiê espanhol, Pedro Sánchez, afirmou em artigo publicado em dez jornais europeus que a sobrevivência do projeto do continente está em jogo na guerra contra o coronavírus. Ele insta a União Europeia a demonstrar uma "solidariedade contundente" e a erguer "uma economia de guerra" ante a pandemia.

Sánchez assinalou que esta "guerra contra um inimigo invisível" está pondo "a prova o futuro do projeto europeu" e exige "posturas contundentes". "Ou estamos à altura das circunstâncias ou fracassaremos como União", alertou, assegurando que a Europa está sofrendo "sua maior crise desde a Segunda Guerra Mundial".

Nesse sentido, frisou que inclusive os países "mais europeístas", como a Espanha, necessitam agora "provas de compromisso real" e uma solidariedade "contundente", já que sem ela "não haverá coesão", o que conduzirá a "desafetos", de tal forma que "a credibilidade do projeto europeu ficará gravemente prejudicada".

O chefe do governo espanhol defendeu que a União Europeia deve "promover a resistência, a reconstrução e a recuperação europeia", tanto agora como depois que se supere a pandemia. Argumentou que para reconstruir as economias europeias, se necessitará mobilizar "uma grande quantidade de recursos" no que chamou "novo Plano Marshall", ressaltando que essa medida terá que ser respaldada por "todas as instituições comuns".

Na opinião de Sánchez, mesmo que o Mecanismo Europeu de Estabilidade possa ser útil a curto prazo, para "injetar liquidez às economias européias mediante uma linha de crédito" — que deve ser "universal" e sem pré-condições —, tal instrumento não será suficiente a médio prazo.

Nesse contexto, advogou a favor da criação de "um novo mecanismo de mutualização da dívida", comprando suprimentos médicos essenciais enquanto um bloco único, estabelecendo estratégias coordenadas de segurança cibernética e criando "um grande plano de choque" para garantir que o continente possa recuperar-se da pandemia sem que haja "brechas entre o norte e o sul" e sem "deixar ninguém para trás".

Sánchez pediu urgência na tomada de "decisões valentes" para não decepcionar "milhões de europeus que acreditam no projeto da União". "Não os abandonemos", concluiu.

O número de mortos diários por coronavírus na Espanha caiu neste domingo (5) pelo terceiro dia consecutivo, com 674 mortes em 24 horas, o que eleva o balanço total para 12.418 pessoas – informou o Ministério da Saúde.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

O secretário do Interior da cidade-estado de Berlim, Andreas Geisel, chamou de "ato de pirataria moderna" a subtração das máscaras faciais pelos EUA no meio do caminho da entrega

A Alemanha acusou o governo Trump de "pirataria moderna" na sexta-feira (3) e denunciou que 200.000 máscaras faciais de alta qualidade, do tipo N95, para uso na contenção do coronavírus, encomendadas e já pagas, foram "confiscadas" em Bangkok e nunca chegaram ao seu destino.

O secretário do Interior da cidade-estado de Berlim, Andreas Geisel, chamou de "ato de pirataria moderna" a subtração das máscaras faciais no meio do caminho da entrega.

"Mesmo em tempos de crise, não devemos usar métodos do velho oeste. [...] Estou pedindo ao governo alemão que exija dos EUA o respeito à ordem internacional." Foi seu Estado que encomendou e pagou pelas máscaras.

O incidente é apenas uma pequena parte do que está acontecendo no mundo inteiro, em nome do "America First", com agentes norte-americanos cometendo assédio até na hora do embarque no aeroporto para desviar entregas, com dinheiro vivo a rodo.

Entre os países que já denunciaram essa prática, estão, ainda, França, Brasil e Canadá. Sob anonimato, uma autoridade do Departamento de Segurança Interna confirmou à Reuters que empresas e o governo dos EUA estão pagando valores acima do preço do mercado pela maior parte dos equipamentos comprados fora do país.

Ele acrescentou que Washington não vai parar de comprar "até que nós tenhamos muito mais que o suficiente".

Segundo a fonte, a caçada por equipamentos de saúde e de proteção no exterior poderia durar até agosto. "Colocaremos nossas mãos em tudo aquilo que pudermos", afirmou, só faltando complementar com um "os outros que se danem".

Na quarta-feira, uma autoridade francesa alertara sobre a pirataria. "Na pista, os americanos sacam o dinheiro e pagam três ou quatro vezes o preço dos pedidos que fizemos, é preciso lutar", disse Jean Rottner, presidente da região francesa do Grande Est, um dos mais afetados pelo surto do novo coronavírus, falando com o rádio RTL.

Desse jeito, se apossaram de um carregamento de 60 milhões de máscaras que regiões francesas haviam comprado da China.

Segundo ele, os aviões partem para os EUA e não para a França. "É complicado, lutamos 24 horas por dia" para obter as máscaras, disse Rottner, explicando que ele criou uma unidade especial em sua região nesta questão.

Na terça-feira, Renaud Muselier, presidente de outra região francesa (Paca, sudeste), também reclamou das práticas norte-americanas.

"Um pedido francês foi comprado em dinheiro pelos americanos na pista, e o avião que deveria voar para a França decolou para os EUA", disse Renaud Muselier à RT France.

Muselier é o chefe da região de Provence-Alpes-Côte d'Azur (PACA), além de presidente da Associação de Regiões da França. Foi a associação que tentou comprar as máscaras da China.

Mesma situação vivida pelo Brasil, como relatou em coletiva em cadeia nacional o ministro da Saúde, Luis Henrique Mandetta: todo um carregamento de equipamentos de proteção individual (EPI) comprados na China foi desviado para os EUA e o Brasil ficou no prejuízo.

"Hoje os Estados Unidos mandaram 23 aviões cargueiros dos maiores para a China, para levar o material que eles adquiriram. As nossas compras, que tínhamos expectativa de concretizá-las para poder fazer o abastecimento, muitas caíram", afirmou o Ministro da Saúde.

O ministro disse que situação semelhante ocorreu com respiradores usados em UTIs. "Entregaram a primeira parte. Na segunda parte, mesmo com eles contratados, assinados, com o dinheiro para pagar, quem ganhou falou: não tenho mais os respiradores, não consigo te entregar. Então, nós voltamos de algo que a gente achava que a gente já tinha, demos um passo para trás."

Ou seja, passaram impiedosamente a perna no Brasil.

Isso depois do presidente Jair Bolsonaro ter se gabado do telefonema para Trump, em que este supostamente se solidarizara com o Brasil na questão do combate ao coronavírus.

O jornal francês Liberation pintou uma imagem sombria de "caos logístico" no mercado chinês, onde os americanos estão "pagando em dobro e em dinheiro, antes mesmo de ver as mercadorias", de acordo com uma fonte não identificada.

Até mesmo o presidente da comissão de Inteligência da Câmara dos EUA, Adam Schiff, advertiu que Trump estava "corrompendo as cadeias de suprimento globais", o que geraria muitos problemas à frente.

Além de ser uma violação imoral da orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que a pandemia de Covid-19 só pode ser detida através da cooperação de todos.

A.P.

Casa Branca proíbe 3M de exportar equipamento médico

Nesta sexta-feira (3) a 3M, empresa que produz máscaras e outros itens de proteção, disse que o governo de Trump determinara à companhia que interrompesse suas exportações de equipamentos de proteção para o Canadá e para a América Latina.

A 3 M disse que não acataria a determinação por ter "implicações humanitárias significativas" e poder levar a retaliações de outros países contra os EUA. A remessa destinada à Alemanha e surrupiada em Bangkok fora fabricada por uma subsidiária da 3 M na China.

O primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, reagiu afirmando que o bloqueio de remessas de equipamentos médicos ao país seria um "erro", um tiro que poderia sair pela culatra, lembrando que profissionais de saúde canadenses atravessam a fronteira todos os dias para trabalhar em cidades norte-americanas.

A pirataria dos EUA sobre os equipamentos de proteção individual deixa outra discussão para depois da pandemia. "Espero que nunca mais o mundo cometa o desatino de fazer 95% da produção de insumos em um único país", como assinalou o ministro da Saúde brasileiro, Mandetta.

Decameron: a peste em Florença pela pena de Giovanni Boccaccio

Estou, eu e minha mulher, como devem estar muitos leitores, dentro de casa há duas semanas, ou algo perto disso, tentando colaborar com o combate ao coronavírus – além de, claro, tentando sobreviver, o que é um pouco problemático para quem integra dois dos "grupos de risco" para a Covid-19, dentro de um país que tem um anormal na Presidência, cuja atividade governamental consiste em espalhar a epidemia.

Pois, nessa situação, lembrei que já lera sobre coisa semelhante, ocorrida há uns 700 anos (na verdade, 672 anos): a pandemia de peste bubônica, que atingiu as cidades italianas em 1348, vinda da Ásia – e, depois, toda a Europa. A chamada "peste negra".

Mas não foi em um livro de medicina ou de história que li sobre isso. Foi no "**Decameron**", de Boccaccio.

Sete mulheres e três homens fogem de Florença, tomada pela peste, e se refugiam em uma propriedade nas montanhas. Lá, para passar o tempo, contam histórias, mais ou menos indecentes (desculpem, leitores: como dizem alguns historiadores da literatura, são histórias de alto valor moral; mas é a mesma coisa).

Cada um dos 10 conta 10 histórias. O livro, portanto, é composto por 100 histórias, contadas em 10 dias – daí o nome do livro; em grego: "10 dias".

Bocaccio – com Dante e Petrarca -, nesse livro, deu aos italianos uma literatura. Um pouco mais: deu aos italianos uma língua, o que era, até então, muito discutível, na colcha de retalhos a que estava reduzida a península italiana.

HP ESPECIAL

Mas, deixemos de lado as questões literárias.

Bocaccio, em "**Decameron**", faz uma descrição da peste em Florença. Hoje, a ciência avançou muito – sabemos, por exemplo, que a peste bubônica é transmitida pela pulga do rato.

Podemos, também, como estamos fazendo, enfrentar coletivamente uma epidemia, sob a direção da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Na época de Boccaccio, nem uma coisa nem outra eram possíveis.

A tentativa de nos regredir ao período mais obscuro da Idade Média – essa é, essencialmente, a ideologia olavo-bolsonarista – jamais foi tão clara quanto na questão do combate à epidemia.

Portanto, sempre é importante saber o que acontecia já na porta de saída da Idade Média, sobretudo quando um grande escritor deixou o seu testemunho.

Podemos imaginar o que acontecia **antes**.

A tradução abaixo é de Ivone C. Benedetti, para a publicação do "**Decameron**" pela L&PM.

C.L.

"O triunfo da morte" - a epidemia de peste na visão de Brueghel

A peste em Florença

GIOVANNI BOCCACCIO

Digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número 1348 quando, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que – fosse ela fruto da ação dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela justa ira de Deus para correção de nossas obras iníquas – começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direção ao ocidente.

E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundícies da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos conselhos dados para a conservação da salubridade, e tampouco encontrando efeito as humildes súplicas feitas a Deus pelos devotos, não uma vez, mas muitas, em procissões e de outros modos, era já quase início da primavera do ano acima quando começaram a manifestar-se de maneira prodigiosa seus horríveis e dolorosos efeitos. Não se manifestavam como na parte oriental, onde expelir sangue pelo nariz era sinal manifesto de morte inevitável, mas começavam com o surgimento de certas tumefações na virilha ou nas axilas de homens e mulheres, algumas das quais atingiam o tamanho de uma maçã comum e outras o de um ovo, umas mais e outras menos, e a elas o povo dava o nome de bubões. E os referidos bubões mortíferos, não se limitando às duas citadas partes do corpo, em breve espaço de tempo começaram a nascer e a surgir indiferentemente em todas as outras partes, após o que a qualidade da enfermidade começou a mudar, passando a manchas negras ou lívidas, que em muitos surgiam nos braços, nas coxas e em qualquer outra parte do corpo, umas grandes e ralas, outras diminutas e espessas. E, tal como ocorrera e ainda ocorria com o bubão, tais manchas eram indício inegável de morte próxima para todos aqueles em quem aparecessem.

Para tratar tais enfermidades não pareciam ter préstimo nem proveito a sabedoria dos médicos e as virtudes da medicina: ao contrário, seja porque a natureza do mal não admitisse tratamento, seja porque a ignorância dos que o tratavam (cujo número era enorme, havendo, além dos cientistas, também mulheres e homens que jamais haviam feito estudo algum de medicina) não permitisse conhecer a sua causa, nem portanto usar o devido remédio, não só eram poucos os que se curavam, como também quase todos morriam nos três dias seguintes ao aparecimento dos sinais acima referidos, uns mais cedo, outros mais tarde, a maioria sem febre alguma ou qualquer outra complicação.

E a peste ganhou maior força porque dos doentes passava aos sãos que com eles conviviam, de modo nada diferente do que faz o fogo com as coisas secas ou engorduradas que lhe estejam muito próximas. E mais ainda avançou o mal: pois não só falar e conviver com os doentes causava a doença nos sãos ou os levava igualmente à morte, como também as roupas ou quaisquer outras coisas que tivessem sido tocadas ou usadas pelos doentes pareciam transmitir a referida enfermidade a quem as tocasse.

É espantoso ouvir aquilo que devo dizer: se tais coisas não tivessem sido vistas pelos olhos de muitos e também pelos meus, eu mal ousaria acreditar nelas, muito menos descrevê-las, por mais fidedigna que fosse a pessoa de quem as ouvisse. Digo que era tamanha a eficácia de tal peste em passar de um ser a outro, que ela não o fazia apenas de homem para homem, mas fazia muito mais (coisa que indubitavelmente ocorreu várias vezes), ou seja, o animal não pertencente à espécie do homem que tocasse as coisas do homem que adoecera ou morrera dessa doença não só adoecia também como morria em brevíssimo espaço de tempo. Tive, entre outras, a seguinte experiência, coisa vista com meus próprios olhos, como há pouco disse: um dia tendo os farrapos de um pobre homem morto da doença sido jogados na via pública, dois porcos se aproximaram deles e, conforme é seu costume, primeiro os fuçaram e depois os tomaram entre os dentes para sacudi-los; em pouco tempo, como se tivessem tomado veneno, após algumas contorções ambos caíram mortos sobre os trapos que em má hora haviam puxado.

De tais coisas e de muitas outras semelhantes ou piores originaram-se diferentes medos e imaginações nos que continuavam vivos, e quase todos tendiam a um extremo de crueldade, que era esquivar-se e fugir aos doentes e às suas coisas; e, assim agindo, todos acreditavam obter saúde. Alguns, considerando que viver com temperança e abster-se de qualquer superfluidade ajudaria muito a resistir à doença, reuniam-se e passavam a viver separados dos outros, recolhendo-se e encerrando-se em casas onde não houvesse nenhum enfermo e fosse possível viver melhor, usando com frugalidade alimentos delicadíssimos e ótimos vinhos, fugindo a toda e qualquer luxúria, sem dar ouvidos a ninguém e sem querer ouvir notícia alguma de fora, sobre mortes ou doentes, entretendo-se com música e com os prazeres que pudessem ter. Outros, dados a opinião contrária, afirmavam que o remédio infalível para tanto mal era beber bastante, gozar, sair cantando, divertir-se, satisfazer todos os desejos possíveis, rir e zombar do que estava acontecendo; e punham em prática tudo o que diziam sempre que podiam, passando dia e noite ora nesta taverna, ora naquela, bebendo sem regra nem medida, fazendo tais coisas muito mais nas casas alheias, apenas por sentirem gosto ou prazer em fazê-las. E podiam assim agir estouvadamente porque os outros, como se já não precisassem viver, tinham abandonado suas coisas e a si mesmos; de modo que as casas, em sua maioria, tinham se tornado comuns e eram usadas pelos estranhos que porventura chegassem, tal como teriam sido usadas por seus próprios donos; e, apesar desse comportamento animalesco, fugiam dos doentes sempre que podiam. E, em meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus ministros e executores, assim como os outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por esse motivo, era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse. Muitos outros observavam uma via intermediária entre as duas descritas acima, não se restringindo na alimentação, como os primeiros, nem se entregando à bebida e a outras dissipações como os segundos, mas usavam as coisas na quantidade suficiente para atender às necessidades, não se encerravam em casa, iam a toda parte, alguns com flores nas mãos, outros com ervas aromáticas, outros ainda com diferentes tipos de especiaria, que levavam com frequência ao nariz, pois consideravam ótimo aliviar o cérebro com tais odores, visto que o ar todo parecia estar impregnado do fedor dos cadáveres, da doença e dos remédios. Outros tinham sentimento mais cruel (se bem que talvez fosse a atitude mais segura) e diziam que contra a peste não havia remédio melhor nem tão bom como fugir; e, convencidos disso, não se preocupando com nada a não ser consigo, vários homens e mulheres abandonaram sua cidade, suas casas, suas propriedades, seus parentes e suas coisas, buscando os campos da sua região ou das alheias, como se com aquela peste a ira de Deus não tencionasse punir as iniquidades dos homens onde quer que eles estivessem, mas só afligisse aqueles que ficassem dentro dos muros de sua cidade, ou como se achassem que ninguém deveria ficar nela, chegada que era a sua hora derradeira.

E, dentre esses que tinham tão variadas opiniões, embora não morressem todos, também nem todos se salvavam: ao contrário, adoeciam muitos que pensavam de modos diversos, em todos os lugares; e esses doentes, que, quando estavam sãos, tinham dado exemplo àqueles que agora continuavam sãos, definhavam quase abandonados por todas as partes. E, sem contar que um cidadão evitava o outro, que quase nenhum vizinho cuidava do outro e que os parentes raramente ou nunca se visitavam, e só o faziam à distância, era tamanho o pavor que essa tribulação pusera no coração de homens e mulheres, que um irmão abandonava o outro, o tio ao sobrinho, a irmã ao irmão e muitas vezes a mulher ao marido; mas (o que é pior e quase incrível) os pais e as mães evitavam visitar e servir os filhos, como se seus não fossem. Por todas essas coisas, para a multidão incalculável de homens e mulheres que adoeciam não restava outro socorro senão a caridade dos amigos (e destes houve poucos) ou a ganância dos serviçais, que trabalhavam em troca de gordos salários e acordos abusivos, se bem que com tudo aquilo não restassem muitos: e os que havia eram homens ou mulheres de tosco engenho, a maioria não acostumada a tais serviços, que só serviam para pôr nas mãos dos doentes algumas coisas que estes pedissem ou para velar a sua morte; e, cumprindo tal serviço, muitas vezes pereciam junto com seus ganhos. E, do fato de estarem os doentes abandonados por vizinhos, parentes e amigos e de serem poucos os serviçais, decorreu um costume quase desconhecido antes: nenhuma mulher que adoecesse, por mais graciosa, bela ou fidalga que fosse, se importava de ter um homem a seu serviço, fosse ele jovem ou não, e de lhe expor todas as partes do corpo sem nenhum pudor, tal qual teria exposto a uma mulher, desde que a doença impusesse essa necessidade; e, nos tempos que se sucederam, isso talvez tenha sido razão de menor honestidade daquelas que se curaram. Além disso, morreram muitos que, se porventura ajudados, teriam escapado; assim, tanto por falta do devido atendimento, que os doentes não podiam ter, quanto pela força da peste, era tamanha a multidão de gente a morrer noite e dia na cidade que causava espanto ouvir dizer, quanto mais presenciar. Desse modo, como que por necessidade, entre os que sobreviveram, surgiram usos contrários aos primitivos costumes dos cidadãos.

Era uso (tal como ainda hoje se vê) as parentes e vizinhas do morto se reunirem em casa deste para chorar com as mulheres que lhe fossem mais chegadas; por outro lado, em frente à casa do morto, os vizinhos e muitos outros cidadãos reuniam-se com seus parentes, e o clero comparecia em conformidade com a posição social do morto; e, sobre os ombros de seus pares, com pompa fúnebre, círios e cantos, este era levado à igreja escolhida por ele mesmo antes da morte. Essas coisas, depois do aumento da ferocidade da peste, acabaram-se de todo ou na maior parte, surgindo outras em seu lugar. Por isso, não só as pessoas morriam sem muitas mulheres ao redor, como também havia muitos que saíam desta vida sem testemunho de ninguém; e a pouquíssimos foram concedidos o pranto piedoso e as lágrimas amargas dos cônjuges; em vez disso, na maioria dos casos era costume rir, gracejar e festejar entre amigos; e as mulheres, abandonando em grande parte a piedade feminina, aprenderam muitíssimo bem esses usos em nome de sua própria saúde. E eram raros aqueles cujos corpos fossem acompanhados à igreja por mais de dez ou doze vizinhos; seu ataúde não era levado sobre os ombros de honrados e prezados cidadãos, mas alçado aos ombros de uma espécie de sepultureiros surgidos na arraia miúda, que eram chamados coveiros e prestavam serviços mediante pagamento; estes, com passos apressados, na maioria das vezes não o levavam à igreja escolhida antes da morte, e sim à mais próxima, atrás de quatro ou seis clérigos com pouco lume, e em certas ocasiões até sem nenhum; e estes, com a ajuda dos referidos coveiros, sem se afadigarem em ofícios longos ou solenes, metiam o corpo na primeira sepultura que encontrassem vaga. Maior era o espetáculo da miséria da gente miúda e, talvez, em grande parte da mediana; pois essas pessoas, retidas em casa pela esperança ou pela pobreza, permanecendo na vizinhança, adoeciam aos milhares; e, não sendo servidas nem ajudadas por coisa alguma, morriam todas quase sem nenhuma redenção. Várias expiravam na via pública, de dia ou de noite; muitas outras, que expiravam em casa, os vizinhos percebiam que estavam mortas mais pelo fedor do corpo em decomposição do que por outros meios; e tudo se enchia destes e de outros que morriam por toda parte. Os vizinhos, em geral, movidos tanto pelo temor de que a decomposição dos corpos os afetasse quanto pela caridade que tinham pelos falecidos, observavam um mesmo costume. Sozinhos ou com a ajuda de carregadores, quando podiam contar com estes, tiravam os finados de suas respectivas casas e os punham diante da porta, onde, sobretudo pelas manhãs, um sem-número deles podia ser visto por quem quer que passasse; então, providenciavam ataúdes e os carregavam (alguns corpos, por falta de ataúdes, foram carregados sobre tábuas). Um mesmo ataúde podia carregar dois ou três mortos juntos, e isso não ocorreu só uma vez, mas seria possível enumerar vários que continham marido e mulher, dois ou três irmãos, pai e filho, e assim por diante. E foram inúmeras as vezes em que, indo dois padres com uma cruz para alguém, três ou quatro ataúdes, levados por carregadores, se puseram atrás dela: e os padres, acreditando que tinham um morto para sepultar, na verdade tinham seis, oito e às vezes mais. E tampouco eram estes honrados por lágrimas, círios ou séquito; ao contrário, a coisa chegara a tal ponto, que quem morria não recebia cuidados diferentes dos que hoje seriam dispensados às cabras; porque ficou bastante claro que, se o curso natural das coisas, com pequenos e raros danos, não pudera mostrar aos sábios o que devia ser suportado com paciência, a enormidade dos males conseguiu tornar mais sagazes e resignados até mesmo os ignorantes. Não sendo bastante o solo sagrado para sepultar a grande quantidade de corpos que chegavam carregados às igrejas a cada dia e quase a cada hora (principalmente se se quisesse dar a cada um seu lugar próprio, segundo o antigo costume), abriam-se nos cemitérios das igrejas, depois que todos os lugares ficassem ocupados, enormes valas nas quais os corpos que chegavam eram postos às centenas: eram eles empilhados em camadas, tal como a mercadoria na estiva dos navios, e cada camada era coberta com pouca terra até que a vala se enchesse até a borda.

E, deixando de lado todas as particularidades das passadas misérias sofridas pela cidade, direi que aqueles tempos tão adversos que a devastavam nem por isso pouparam os campos circundantes, onde (sem mencionarmos os castelos, que eram cidades em miniatura), nas aldeias esparsas e nas plantações, os lavradores miseráveis e pobres e suas famílias, sem nenhum socorro de médicos nem ajuda de serviçais, morriam nas ruas, nas lavouras e nas casas, de dia e de noite, indiferentemente, não como homens, mas quase como animais. Em vista disso, tornando-se dissolutos como os citadinos em seus costumes, eles não cuidavam de suas coisas nem de seus afazeres; ao contrário, como se esperassem a chegada da morte para aquele mesmo dia, não se preocupavam com os futuros frutos da criação, das terras e do trabalho já realizado, e esforçavam-se com todo o empenho em consumir tudo o que tivessem no presente. Com isso, bois, asnos, ovelhas, cabras, porcos, frangos e até os fidelíssimos cães, expulsos de suas próprias casas, saíam andando a esmo pelos campos (onde a messe ainda estava abandonada, sem ser ceifada, para não dizer colhida). E muitos, como se fossem racionais, depois de terem se apascentado bem durante o dia, voltavam saciados à noite para casa, sem serem tangidos por pastores.

Que mais se pode dizer (deixando os campos e voltando à cidade), senão que foi tamanha a crueldade do céu, e talvez em parte dos homens, que se tem por certo que do mês de março a julho (por força da doença pestífera e porque muitos doentes foram mal atendidos ou abandonados em suas necessidades, devido ao medo que os sãos sentiam) mais de cem mil criaturas humanas perderam a vida dentro dos muros da cidade de Florença, e que talvez, antes dessa mortandade, não se imaginasse que lá haveria tanta gente assim? Oh, quantos grandes palácios, quantas belas casas, quantas nobres moradas, antes cheios de criados, senhores e senhoras, esvaziaram-se de todos, até o mais ínfimo serviçal! Oh, quantas memoráveis linhagens, quantas grandes heranças, quantas famosas riquezas ficaram sem seus devidos sucessores! Quantos homens valorosos, quantas belas mulheres, quantos jovens airosos, que ninguém mais que Galeno, Hipócrates ou Esculápio teriam considerado saudabilíssimos, pela manhã comeram com familiares, companheiros e amigos, e à noite cearam no outro mundo com seus antepassados!

A mim mesmo desagrada ficar ruminando demoradamente tais misérias: por isso, desejando agora deixar de lado aquelas que posso oportunamente evitar, direi que, estando nossa cidade em tal situação, quase vazia de habitantes, certa terça-feira pela manhã, conforme fiquei sabendo por pessoa digna de fé, na venerável igreja de Santa Maria Novella, onde não havia quase mais ninguém, sete donzelas assistiam aos divinos ofícios em trajes lutuosos, como a tal momento convinha; eram elas unidas entre si por amizade, vizinhança ou parentesco, nenhuma delas passara dos vinte e oito anos nem estava abaixo dos dezoito, sendo todas sérias, de sangue nobre, formosas e dotadas de bons costumes e elevada dignidade. Seus nomes eu declararia na forma devida, caso não tivesse boas razões para deixar de fazê-lo, e as razões são as seguintes: não quero que, ouvindo no futuro as coisas que narraram (e que seguem adiante), alguma delas venha a sentir-se envergonhada, visto que hoje são um tanto estritas as leis que regem o divertimento, ao passo que então, pelos motivos acima descritos, eram relaxadas, não só para a idade delas, como também para idades muito mais maduras; também não quero dar ocasião para que os invejosos, sempre prontos a criticar toda e qualquer vida louvável, deslustrem de algum modo a honra das valorosas senhoras com palavras indecorosas. No entanto, para que adiante seja possível entender sem confusão aquilo que cada uma disse, pretendo designá-las com nomes ajustados no todo ou em parte às suas respectivas qualidades: a primeira, que era a mais velha, será chamada Pampineia; a segunda, Fiammetta; Filomena será a terceira; e a quarta, Emília; Lauretta será o nome da quinta; e o da sexta, Neifile, sendo a última chamada Elissa, não sem razão.